A VERDADE SOBRE A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO
E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NA URSS

Eduard Bagramov

Cem nacionalidades — um só povo

A VERDADE SOBRE A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NA URSS

Adelaide Sadhan

«Nós queremos uma união **voluntária** de nações — uma união que não admita nenhuma violência de uma nação sobre outra, uma união baseada numa confiança absoluta, numa clara consciênca da unidade fraternal, num acordo completamente livre».

Lénine

Eduard Bagramov

Cem nacionalidades — um só povo

(Sob a redacção geral do académico I. I. Mintz)

Edições da Agência de Imprensa Nóvosti

Edições Progresso
Moscovo, 1982

11301
0802010203

© Edições da Agência de Imprensa Nóvosti
Edições Progresso, 1982

DA EDITORIAL

A história multissecular da luta pelo progresso social demonstra-nos que as barreiras que as classes exploradoras levantam entre nações, guerras nacionais intestinas, a desconfiança mútua e a desigualdade nacional foram factores que geraram problemas agudos e dificultaram a luta pelo progresso nacional. Erasmo, grande humanitário de Roterdão, exortou já em 1517, na sua obra «Lamentação do Mundo», os homens a unirem-se, a acabarem com as desavenças e as guerras sangrentas: «Utilizai a sua inteligência e experiência para que vos atem não laços de corda, mas laços firmes como diamante, impossíveis de quebrar. Compreendei a enorme força encerrada na concórdia da multidão que faz frente à tirania da nobreza».

A possibilidade real da almejada «concórdia da multidão», indispensável para atingir a justiça social, surgiu apenas com o aparecimento na cena política das massas trabalhadoras conscientes, verdadeiras criadoras da História — com a vitória da primeira revolução socialista.

Em 1913, nas vésperas da revolução socialista na Rússia, V. I. Lénine escreveu: «Ao velho mundo, o mundo de opressão nacional, de desavença nacional ou de isolamento nacional, os operários contrapõem

o novo mundo de unidade dos trabalhadores de todas as nações, que não admite nenhum privilégio, nenhuma opressão do homem pelo homem por mínima que seja».

Atribuindo à correcta resolução da questão nacional importância prioritária para todo o futuro desenvolvimento da Rússia multinacional e para o movimento revolucionário e de libertação nacional no mundo, Lénine e os seus correligionários bolcheviques elaboraram e foram concretizando persistentemente o programa nacional do seu partido. Esse programa estava apontado para a livre autodeterminação das nações, sua completa igualdade de direitos em todos os domínios da vida social, consolidação da luta dos trabalhadores de todas as nacionalidades pelo socialismo e o comunismo.

Como se assinala na Resolução do CC do PCUS «Sobre o 60° aniversário da fundação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas», a criação da URSS materializou as ideias de Lénine, os princípios leninistas sobre a política nacional.

Há sessenta anos, em Dezembro de 1922, de acordo com indicações de Lénine, foi criada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Integraram esta comunidade mais de cem nações e etnias do país, conservando e multiplicando tudo o que é orgulho de cada uma delas. Como se processou essa união? Qual a essência desse novo, na altura, tipo de unificação? Quais as vantagens históricas das relações sociais e nacionais então formadas? É precisamente a essas questões que procuraremos responder neste livro.

I. O COMPLICADÍSSIMO PROBLEMA DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Segundo uma parábola muito remota, havia duas tribos inimigas que habitavam as margens opostas de um rio. Certa vez, um homem da tribo da margem direita encontrou um feiticeiro que lhe disse: «Dar-te-ei tudo o que quiseres, com a única condição de o homem da tribo da margem esquerda obter duas vezes mais». E o homem respondeu: «Vaza-me um olho».

Durante séculos, povos e tribos hostilizaram-se mutuamente. Parecia não haver outro domínio das relações sociais em que a busca duma convivência humana razoável defrontasse com resistência tão forte das forças conservadoras, dos costumes obsoletos, de preconceitos absurdos. Mesmo o progresso impetuoso da produção, da ciência e da cultura, que marcou a época da revolução industrial na Europa, não empurrou sensivelemente para o progresso as relações internacionais. Não é de admirar que no pensamento social do século XIX e dos primeiros decénios do XX estivessem muito divulgadas noções pessimistas sobre a inevitabilidade dos antagonismos internacionais.

Origens da discórdia e inimizade nacionais

Guerras intermináveis que levavam milhões de vítimas pareciam ser uma prova do carácter trágico da existência humana.

Contudo, as causas não deverão ser procuradas nas diferenças raciais ou nacionais dos povos. Elas residem no carácter antagónico da sociedade capitalista, que dá origem, por força dos interesses económicos das classes exploradoras, a atritos e desavenças entre os povos, bem como entre representantes de distintas raças e nações no seio de um mesmo país.

Muitas vezes, os objectivos interesseiros das forças reaccionárias eram apresentados como interesses nacionais. Iludidos com estas afirmações, certos povos atiravam-se contra outros. A esses povos era incutida a ideia de que o seu dever perante a pátria e a defesa dos direitos nacionais exigia que exterminassem outros povos, devastassem os seus países, subjugassem as minorias nacionais do seu próprio país. Não foi fácil desenganar os povos das absurdas noções sobre a «missão nacional», pois o nacionalismo, tomando conta da inteligência e dos corações, despertava frequentemente o ódio cego e o desprezo duns povos pelos outros.

Cientistas de vários países assinalaram muitas vezes, com inquietação, a tendência da «civilização ocidental» para atiçar artificialmente o ódio racial e nacional, para propagandear a misantropia. G. Allport, conhecido psicólogo norte-americano, escreveu: «Os homens civilizados conseguem aproveitar com arte admirável vários tipos de energia, dominar a natureza material e inanimada, em geral, aproximam-se rapidamente dos conhecimentos que lhes permitirão superar os sofrimentos físicos e a morte prematura. Contudo, no que diz respeito às relações humanas, pelo contrário, é como se vivessemos na Idade de Pedra». Para escapar a esta «Idade de Pedra», há que alterar as próprias relações sociais. A transformação radical das relações sociais e nacionais, o estabelecimento de relações verdadeiramente humanas entre os povos são a missão histórica do socialismo.

O povo soviético foi o primeiro a abrir caminho para um regime social desse tipo. Foi um caminho que nada teve de fácil. A História mundial não registava anteriormente exemplos da criação de uma sociedade socialista, nem da formação de uma união estatal de povos verdadeiramente livres e iguais em direitos, nem mesmo o mais simples exemplo da solução efectiva e justa da questão nacional.

Existem no mundo cerca de 2 000 nações, etnias e tribos, mais de 90% das quais integradas em Estados multinacionais ou multitribais. Note-se que mais de 3/4 de todos os grupos nacionais e étnicos habitam países da Ásia e África que já se libertaram do jugo colonialista ou se encontram ainda na fase da luta pela libertação. Referindo-se à definição e materialização de uma política nacional justa, V. I. Lénine escreveu em 1921: «É, sem exagero, uma questão de alcance mundial. É preciso ser-se super-rigoroso... Não se pode brincar com ela, é preciso ser 1 000 vezes prudente».

A complexidade dos problemas nacionais, decorrente da originalidade do desenvolvimento histórico de cada povo, não é motivo para mistificar a questão nacional, como o fazem frequentemente os ideólogos burgueses. Tal complexidade exige uma análise dialéctica do conteúdo real das relações nacionais em cada etapa concreta do desenvolvimento histórico, uma capacidade de estar acima das barreiras nacionais e de vislumbrar os horizontes do progresso da Humanidade.

O marxismo-leninismo é alheio tanto ao exagero

das diferenças nacionais, à atitude estreitamente nacional, como ao desprezo das particularidades nacionais, do factor nacional. Não se perca de vista que a questão nacional não existe, em parte alguma, sob forma «pura», por assim dizer. As relações nacionais são, por essência, um conjunto de relações de classes e sociais entrelaçadas, relações entre indivíduos pertencentes a diferentes nações ou grupos nacionais, sujeitas a factores geográficos, culturais e vivenciais, influenciadas por tradições historicamente formadas e por sentimentos e ânimos sociais. A própria noção de «questão nacional» surgiu historicamente como uma noção que diz respeito às relações entre nações oprimidas e nações opressoras, aos problemas ligados à liquidação da opressão nacional, da desigualdade de direitos entre as nações, grupos nacionais e raças, à criação de condições para seu livre desenvolvimento.

É impossível resolver a questão nacional sem eliminar as causas que geram a inimizade entre as nações. Se a propriedade privada e o capital desunem inevitavelmente os indivíduos, semeiam a discórdia entre as nações e engendram a opressão nacional, a propriedade colectiva dos meios de produção e o trabalho conjunto para o bem comum contribuem para a aproximação dos indivíduos, a eliminação da discórdia nacional e erradicação da opressão nacional.

A questão nacional e os marxistas russos

Os marxistas russos elaboraram, ainda no período pré-revolucionário, o seu programa relativo à questão nacional. As linhas principais desse programa visavam: a) rejeitar todas as formas de coacção na questão nacional; b) reconhecer a igualdade e o direito de serem os povos a dispor do seu destino; c) levar em consideração que uma sólida união dos povos só poderia ser levada a cabo em princípios de cooperação e voluntariedade e d) que essa união só é possível depois de derrubado o poder do capital.

A especificidade das condições da Rússia pré-revolucionária estava em que o seu proletariado, que se ergueu para a luta contra o czarismo e o capitalismo, pertencia à nação opressora, enquanto que a maioria dos povos oprimidos era constituída por massas camponesas. Portanto, para resolver a questão nacional em todo o país, foi preciso, entre outras coisas, estruturar, de forma correcta, as relações entre o proletariado da nação dominante e o campesinato das nações oprimidas.

O leninismo assumiu uma atitude de classe e internacionalista para com todos os problemas da edificação do Estado socialista. Isto não quer dizer, naturalmente, que o factor nacional tivesse para ele apenas uma «importância instrumental». Os comunistas da Rússia viam no movimento nacional dos povos oprimidos um importante processo de toda a vida social do país. Os sociólogos ocidentais esforçam-se por deturpar esta atitude, afirmando que os comunistas, quando reconhecem o carácter real dos sentimentos nacionais e a força potencial dos movimentos nacionais, colocam um único objectivo: utilizar o mais proveitosamente possível o factor nacional nos seus interesses políticos. Estes sociólogos procuram minar, deste modo, o prestígio dos comunistas entre os participantes do movimento de libertação nacional, acusando-os de esquecerem os interesses nacionais.

A atitude concreta para com a solução da questão nacional exige que os comunistas levem em consideração todas as particularidades do desenvolvimento nacional, com as suas regularidades gerais e as especificidades nacionais, conheçam a fundo a essência

social da questão nacional. Para os comunistas, o mais importante na solução desta questão é unir os trabalhadores, independentemente da sua origem nacional, na luta comum contra todos os tipos de opressão e pelo estabelecimento de um regime social novo, isento da exploração. Esta linha confronta-se com as tentativas dos ideólogos burgueses e dos oportunistas de toda a espécie para dissimular a essência da questão nacional, apresentando-a como um choque entre forças demoníacas encerradas nas nações e raças, sobrevalorizando e mistificando o nacionalismo, «eterno» e «intransponível».

Na luta contra opressores estrangeiros, os marxistas apoiam sempre os movimentos democráticos de libertação das massas populares, mesmo que intervenham sob a bandeira do nacionalismo. É precisamente por isso que a URSS e os outros países da comunidade socialista colocam-se sempre ao lado dos povos da África, Ásia e América Latina na sua luta anti-imperialista. É verdade, contudo, que, conquistada a independência nacional e no começo da etapa de luta pela libertação social, o nacionalismo, por vezes, impede as massas laboriosas de identificarem os exploradores de origem nacional. Arma das forças progressistas, o nacionalismo converte-se, não raro, em instrumento de recúo, de reforço do domínio dos exploradores que se encobrem com apelos à concórdia de classes dentro das nações. Nestes casos, os comunistas são obrigados a passar do apoio à crítica das forças nacionalistas, censurando a sua aliança com a reacção e lutando contra o nacionalismo, a fim de libertarem as massas trabalhadoras dos antolhos do nacionalismo, de as ajudarem a compreender que são comuns os interesses dos trabalhadores na luta pela edificação da nova sociedade e a passar às posições do internacionalismo proletário. «Internacionalismo», foi uma das palavras de ordem

de significado mais importante da Revolução Socialista de Outubro na Rússia.

Experiência de alcance mundial

A importância histórico-mundial da experiência soviética na solução da questão nacional foi determinada por um conjunto de circunstâncias.

Em primeiro lugar, na Rússia pré-revolucionária, um país multinacional, havia muitas estruturas económicas. Na Rússia, ao lado de nações que experimentavam, à boca do século XX, o rápido desenvolvimento do capitalismo (russos, ucranianos, bielo-russos, povos da Transcaucásia, do Báltico), habitavam muitos povos da Ásia Central e do Cazaquistão, cujo nível não ultrapassava o das relações semicapitalistas e até semifeudais. Parte considerável da população (no Extremo Norte, no Cáucaso do Norte, etc.) encontrava-se ainda, nessa altura, nos quadros da formação gentílico-primitiva. Paralelamente a regiões industrialmente desenvolvidas, com o proletariado em crescimento, muitas regiões continuavam atrasadas, camponesas. A população de 30 milhões, de origem principalmente turca (Turquestão, a maior parte do Azerbaijão, Daguestão, montanheses, tártaros, bachquires, quirguizes, etc.), não possuía proletariado industrial, ocupando-se da pecuária e conservando um modo de vida gentílico-patriarcal. Por isso, adquiriu tanta importância a experiência multifacética e extraordinariamente difícil acumulada pelo Estado soviético no desenvolvimento de nações, povos e grupos étnicos, tendo em linha de conta os seus tipos de economia heterogéneos.

Em segundo lugar, o País Soviético ocupa vastos territórios tanto do continente europeu, como asiático. A sua população é excepcionalmente variegada, e

a sua estrutura multinacional muito complexa. Foi preciso ter em conta todos esses factores para tornar realidade a cooperação entre povos que se diferenciavam por tradições históricas, particularidades culturais, religiões e psicologia. Embora alguns deles possuíssem umas ou outras formas de estruturas estatais no período pré-revolucionário, esses eram uma minoria absoluta. Por isso, a formação e o desenvolvimento de estruturas estatais socialistas, tanto a nível de todo o país multinacional, como nos quadros de cada república que se integravam organicamente, com a sua estrutura estatal, num único Estado multinacional, com a condição impreterível da igualdade de todas elas, tornou-se também uma experiência histórica única.

Em terceiro lugar, no país viviam grandes nações e pequenos grupos étnicos, povos que coexistiam no mesmo território e minorias nacionais dispersas por várias partes do país. Era preciso estabelecer entre eles relações autenticamente internacionalistas, respeitando rigorosamente as singularidades nacionais de todos. Esta foi também uma experiência sem precedentes.

O País Soviético tornou-se um laboratório gigantesco, no qual, pela primeira vez na História, foi testada a justeza da doutrina marxista-leninista para a questão nacional, no qual a teoria e a prática do internacionalismo socialista deram provas da sua vitalidade. Muitas questões exigiam uma resposta prática: como conciliar e unificar a vontade, as preferências e as diversificadas aspirações das diferentes camadas sociais das variadas nações? Como orientar a autoconsciência nacional dos povos, despertada no decorrer da revolução, para a construção conjunta da nova sociedade e a transformação socialista das nações e etnias? Que fazer para superar o mais depressa possível a indiferença e a disconfiança cultivadas

entre as nações pelo velho regime? Estas, apenas algumas das muitas questões.

Se, anteriormente, no período pré-revolucionário, a tarefa colocada pelos marxistas ao proletariado da Rússia era, segundo uma expressão de Lénine, de carácter principalmente **negativo** (liquidar a opressão nacional e os privilégios de qualquer nação, abater, resoluta e consequentemente, os obstáculos no caminho para a democracia), depois da conquista do poder estatal a tarefa era criar relações nacionais e estatais radicalmente diferentes das anteriores, porque fundamentadas na igualdade, amizade e ajuda mútua entre os povos. Prosseguindo a luta contra as consequências da opressão nacional, contra as manifestações de chauvinismo e nacionalismo, a classe operária e o Partido Comunista resolveram esta tarefa utilizando uma nova força política — o poder estatal do proletariado —, concentrando os seus esforços numa missão **positiva,** que consistia na criação do Estado socialista multinacional, com base na livre opção pelas nações do seu destino, na estreita cooperação dos povos na construção do socialismo e do comunismo.

Não a uma «alquimia política», sim a uma atitude cientificamente fundamentada

Os inimigos do socialismo prediziam que, após a concessão às nações do direito à autodeterminação, o país se desintegraria, formando-se vários Estados isolados. O Ocidente burguês considerou ridículo, desde o início, o empenho dos comunistas soviéticos em alterarem o carácter das relações nacionais. «Onde está essa alquimia política que permita transformar os instintos plúmbeos dos montanheses em costumes dourados da ilustração e cultura?» —

interrogava um jornal burguês em 1922, aquando da concessão da autonomia a pequenos povos do Cáucaso. Não obstante, os comunistas não tinham qualquer «alquimia política», baseavam-se, isso sim, na análise científica da questão nacional e das vias da sua solução. Eles viam na liberdade em que os povos escolhiam as vias do seu desenvolvimento sócio-económico o garante da sólida aliança futura assente na compreensão dos seus interesses vitais, na necessidade, para todos eles, do progresso acelerado.

O Partido Comunista foi obrigado a pugnar contra tentativas de passar por cima de etapas objectivas do desenvolvimento histórico. Lénine sublinhou, mais de uma vez, que, à excepção de casos específicos, os marxistas se pronunciam por um Estado o maior possível e centralizado e que são partidários da unidade proletária, da unificação, e não da separação. Ao mesmo tempo, criticou veementemente os que subestimavam o princípio da igualdade de direitos das nações e o direito das nações à autodeterminação.

No VIII Congresso do Partido, Lénine, ao atacar os oportunistas que sugeriam a revogação do direito das nações à autodeterminação no programa do Partido, declarou: «Se suprimíssemos este ponto ou o redigíssemos doutra maneira, riscaríamos do programa a questão nacional. Isso poderia fazer-se se houvesse homens sem particularidades nacionais. Mas tais homens não existem, e não podemos, de modo algum, construir uma sociedade socialista doutra maneira».

O marxismo-leninismo encara a nação como uma forma objectiva de desenvolvimento histórico, que não deixa de existir com a liquidação do capitalismo, mas que continua a desenvolver-se numa base sócio-económica nova e em fases determinadas da nova formação sócio-económica. Factores da nação como

economia, idioma, território, cultura e psicologia comuns mantêm a sua importância também no socialismo, embora algumas delas adquiram novo conteúdo.

Os comunistas, como verdadeiros internacionalistas que são, atribuem primordial importância à solidariedade internacional dos trabalhadores, à sua fraternidade na luta por um futuro melhor. Mas a fidelidade ao internacionalismo proletário não significa o desprezo do factor nacional: será verdadeiramente internacionalista apenas a política que corresponder aos interesses nacionais, combinando-os ou, se necessário, subordinando-os aos interesses e aos objectivos fundamentais do proletariado internacional.

Nada tem a ver com a concepção científica do mundo o ponto de vista de acordo com o qual as nações e as relações nacionais, no mundo contemporâneo, não passam dum fenómeno rudimentar, duma sobrevivência do passado, com a qual nos teríamos que conformar por não existir outra possibilidade. Recordem-se as tentativas maoístas, durante a «revolução cultural» na China, para assimilar coercivamente nações e etnias. Afirmando que «a luta de classes deveria liquidar as diferenças nacionais», os maoístas declaravam que a aspiração das minorias nacionais da RPC a estudarem o idioma e a cultura maternos era uma manifestação de «revisionismo» e de «nacionalismo burguês» e pretendiam que essas minoriais se deixassem assimilar pelos chineses.

No socialismo, a subestimação do factor nacional significa, na prática, a falta de capacidade ou de desejo de aproveitar esse mesmo factor, aliado a outros de índice internacional, na edificação da nova sociedade. É também incorrecto identificar as noções «nacional» e «nacionalista», pois que significam coisas diferentes.

O socialismo introduziu uma nova concepção do **nacional,** encarando-o não a partir duma «exclusividade» mítica, fruto da providência divina, mas da ideia de que o nacional, formado em consequência da actividade espiritual e material do povo no decorrer de muitas épocas, encerra em si um conjunto de traços gerais e específicos. Além disso, a experiência nacional é, por um lado, parte da experiência internacional da Humanidade (sobretudo, na época actual de largos contactos entre os povos); por outro, contém todos os valores acumulados pelo respectivo povo em contacto com outros povos. Para uma apreciação correcta do nacional, necessário se torna assumir uma atitude de classe e considerá-lo através do prisma da luta geral pelo progresso social. Deste modo, o nacional não contradiz de modo algum o internacional.

O **internacional** é uma espécie de «coágulo» da experiência histórica e concreta dos povos, uma síntese do que vai surgindo na sua luta por ideais comuns e é geral para todos os povos. Falando da combinação do nacional e do internacional no socialismo, não devemos esquecer que estes dois elementos não se encontram em estado de equilíbrio estático, já que cresce constantemente o papel dos princípios internacionais na vida da sociedade, o que estimula o desenvolvimento e a evolução do factor nacional. A solução sempre consequente da questão nacional é inconcebível se não harmonizar adequadamente os interesses nacionais e internacionais dos trabalhadores.

«A vida confirmou a previsão leninista de que o novo sistema social geraria relações internacionais absolutamente novas, libertas da discriminação, da opressão e da submissão, próprias do mundo capitalista — diz-se na Resolução do CC do PCUS «Sobre o 60 ° aniversário da fundação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas». Exemplo disso são relações entre os países socialistas irmãos.

As relações interestatais próprias do socialismo concretizam-se plenamente na comunidade socialista. Ela encarna um tipo novo, socialista, de relações internacionais entre Estados soberanos e iguais em direitos, consolidados pelos interesses e objectivos essenciais comuns, pela ideologia marxista-leninista, ligados por laços de solidariedade fraternal e ajuda mútua, de cooperação multilateral.

Os partidos comunistas e operários constituem a verdadeira alma viva, a força dirigente e orientadora dos países da comunidade socialista. A experiência confirma que a fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo, do internacionalismo socialista, a estreita colaboração dos partidos irmãos em todos os domínios permitem conjugar devidamente os interesses gerais e nacionais dos Estados socialistas, resolver com êxito contradições e dificuldades que surgem no processo de desenvolvimento, o avanço firme de cada país e de toda a comunidade socialista no seu conjunto. Para tal contribuem o Conselho de Ajuda Mútua Económica (CAME) e a Organização do Tratado de Varsóvia».

Como foi, então, solucionada na prática a questão nacional no País dos Sovietes?

II. A UNIÃO DAS REPÚBLICAS: COMO SE FORMOU E SE CONSOLIDOU

Um dos primeiros actos legislativos da Rússia Soviética foi a «Declaração dos Direitos dos Povos da Rússia», a qual proclamou a «união voluntária e honesta dos povos da Rússia», a igualdade de direitos das nações, o direito destas à autodeterminação, inclusive, a separarem-se e a formarem um Estado independente. Foi precisamente com base nesse documento que foi outorgada a independência aos povos polaco, finlandês, ucraniano, bielo-russo e a outros. As minorias nacionais da Rússia Central, que não possuíam, no passado, estrutura estatal própria, adquiriram a autonomia. Assim se formou a República Socialista Federativa Soviética da Rússia.

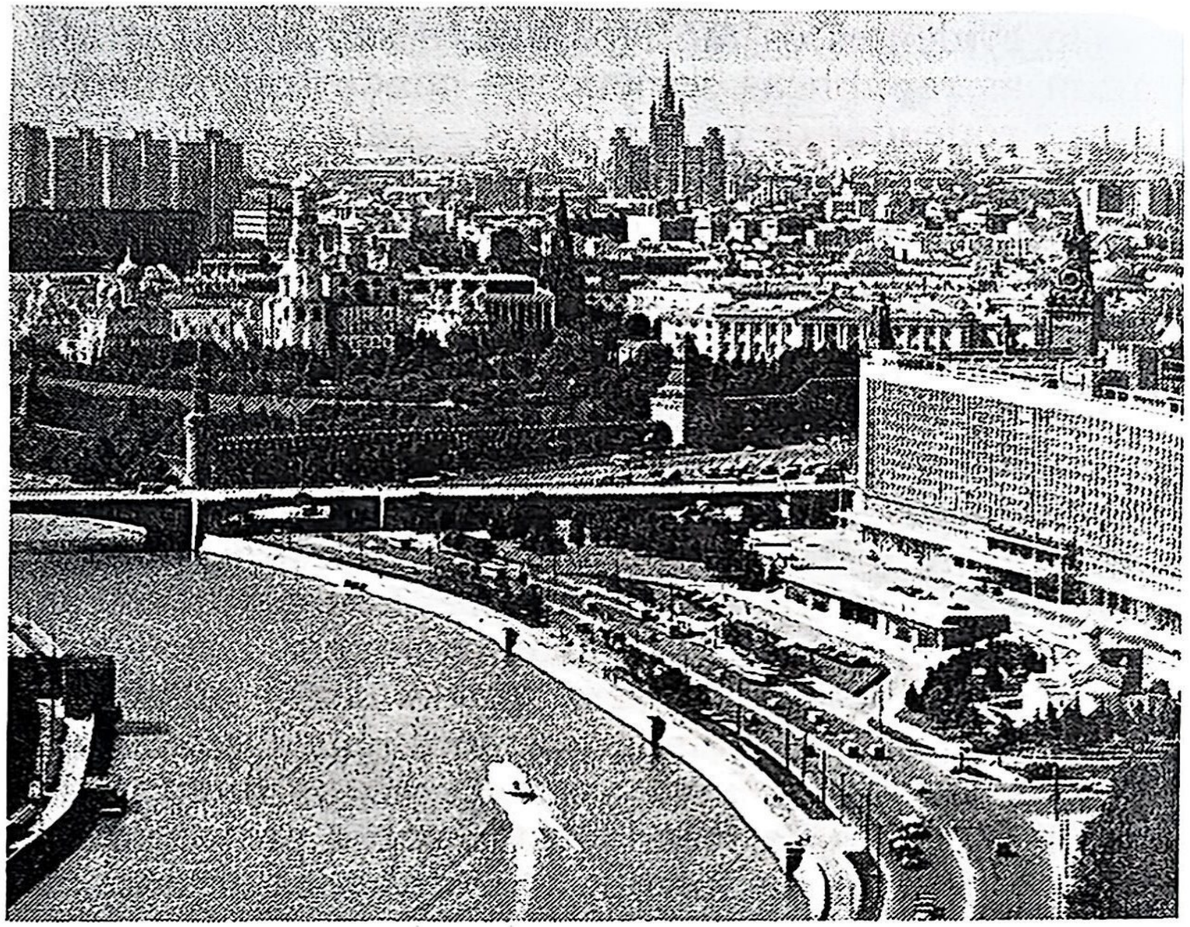
Da RSFSR à URSS

Simultaneamente, no território da Rússia constituíram-se outras repúblicas soviéticas independentes que concluíram acordos com a Rússia Soviética (Azerbaijão, Geórgia, Ucrânia, Bielo-Rússia, Arménia e outras). Algumas delas (por exemplo, as repúblicas da Transcaucásia) unificaram-se desde logo também numa federação independente. As tendências para a unificação reforçaram-se igualmente noutras repúblicas.

São evidentes os motivos que, nessa altura, arrastaram as repúblicas soviéticas — ainda frágeis, indefesas e rodeadas de países hostis — para a união. E se a formação da união estatal de todas as repúblicas socialistas aconteceu só cinco anos após a vitória da Revolução, isso se deve ao desejo de não precipitar os acontecimentos, para não prejudicar a futura cooperação entre todos os povos.

Em Novembro de 1917, o governo revolucionário aprovou o Apelo «A Todos os Trabalhadores Muçulmanos da Rússia e do Oriente», no qual se proclamava: «Desde este momento, são proclamadas livres e invioláveis as vossas crenças e costumes, as vossas instituições culturais e nacionais. Organizai, em plena liberdade e sem impedimento algum, a vossa vida nacional, tendes pleno direito disso. Sabei que os vossos direitos, assim como os direitos de todos os povos da Rússia, estão sob a protecção de todo o poderio da Revolução e dos seus órgãos, os Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses».

Séculos e séculos de jugo da propriedade privada e inimizade entre as nações deixaram marcas particularmente graves na consciência dos povos do Oriente, engendrando neles a desconfiança em relação a outros povos. Era impossível eliminar de uma vez essas marcas, sendo necessário, para o efeito, muita paciência e precaução. A política nacional do Poder Soviético caracterizou-se por uma profunda discrição e rigoroso respeito pelos interesses e particularidades das nações e grupos nacionais, pelo conhecimento da psicologia das massas e, ao mesmo tempo, intransigência face a todas as manifestações de chauvinismo e nacionalismo, por ínfimas que fossem. Tudo isto fez crescer a confiança mútua entre as nações contribuindo para a sua consolidação e congregação numa união estatal.



Moscovo — capital da União Soviética. A URSS integra 15 repúblicas federadas livres e iguais em direitos, com economia nacional única, cultura multinacional, objectivos e política comuns.

A 30 Dezembro de 1922, o I Congresso dos Sovietes de toda a União ratificou legislativamente a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

A formação da União, com base na plena igualdade de direitos e voluntariedade, representou um importante acontecimento histórico e possibilitou unir os recursos materiais das repúblicas e utilizá-los racionalmente no interesse de todos os povos do país, subordinar o desenvolvimento da economia de cada nação a um único plano económico, aproveitando, deste modo, mais plenamente as vantagens do sistema económico socialista. Tudo isto teve um papel decisivo para a liquidação da desigualdade real entre as nações, impulsionando o seu desenvolvimento económico, social, político e cultural.

Com a união dos povos soviéticos num único Estado, cresceu notavelmente o poderio político e a influência internacional do primeiro país socialista, o qual passou a ser um exemplo para todos os povos que procuravam caminhar para o progresso social. «Durante milénios, — disse o Presidente do Comité Central Executivo de toda a Rússia, M. I. Kalinin, no discurso de encerramento do I Congresso dos Sovietes de toda a União, — as melhores inteligências esforçaram-se na procura da solução do problema teórico constituído pelo modo de oferecerem aos povos a possibilidade de viverem sem insuportáveis sofrimentos, sem hostilidade, em amizade e fraternidade. Mas só agora, só hoje, se dão os primeiros passos nesse sentido».

Harmonia entre o nacional e o internacional

A federação soviética, assente no princípio nacional, resultou ser uma forma viável de estrutura estatal, que conjuga perfeitamente os interesses de todo o Estado com os interesses de cada povo. Um seu princípio indefectível é o carácter voluntário da união, princípio consagrado constitucionalmente. Cada república federada é um Estado soberano. Paralelamente aos órgãos de administração federais e federais-republicanos, foram criados órgãos republicanos, de cuja competência é a administração das repúblicas federadas. Todas as repúblicas federadas, independentemente da sua superfície e população, têm o mesmo número de deputados no Soviete das Nacionalidades, uma das duas câmaras do Soviete

Supremo da URSS, sem cuja aprovação nenhuma lei pode entrar em vigor. As duas câmaras do Parlamento são iguais em direitos. Os 15 presidentes dos Presidiuns dos Sovietes Supremos das repúblicas federadas são, simultaneamente, vice-presidentes do Presidium do Soviete Supremo da URSS.

Falando das formações nacionais, temos que mencionar as autonomias. O desenvolvimento da autonomia soviética iniciou-se logo após a Revolução e prosseguiu nos decénios subsequentes. Várias regiões autónomas, por exemplo a de Tuva, transformaram-se em repúblicas autónomas, enquanto que certas repúblicas autónomas se tornaram federadas (por exemplo, as RSSA do Cazaquistão, da Quirguízia e da Moldávia). Existem também circunscrições autónomas. A Constituição da URSS fixa as normas de representação de cada forma de autonomia no Parlamento do país.

Embora longe de ser a única, a igualdade jurídica de direitos é uma condição importante da verdadeira igualdade das nações. A igualdade real só é atingida quando se tornam mais ou menos idênticos os níveis de desenvolvimento da economia e cultura das nações, da instrução e sistema de preparação dos quadros nacionais. Foi colocada como tarefa a superação, num prazo historicamente curto, do desnível no desenvolvimento das nações, assegurando a estas não apenas uma igualdade jurídica e política, mas uma igualdade de facto.

Este objectivo foi alcançado graças, sobretudo, ao apoio às nações atrasadas prestado pelo povo russo e à consequente política nacional do Estado, prioritadamente orientada para o desenvolvimento das regiões periféricas anteriormente mais atrasadas. Com este fim, foi concretizado um conjunto de medidas entre os quais se destacam a elevação acelerada do nível de vida material da população, isenção de

impostos, regulamentação da política de preços de artigos industriais e produtos agrícolas, transferência de parte dos recursos das regiões mais industrializadas do país para a construção económica e cultural nas regiões nacionais.

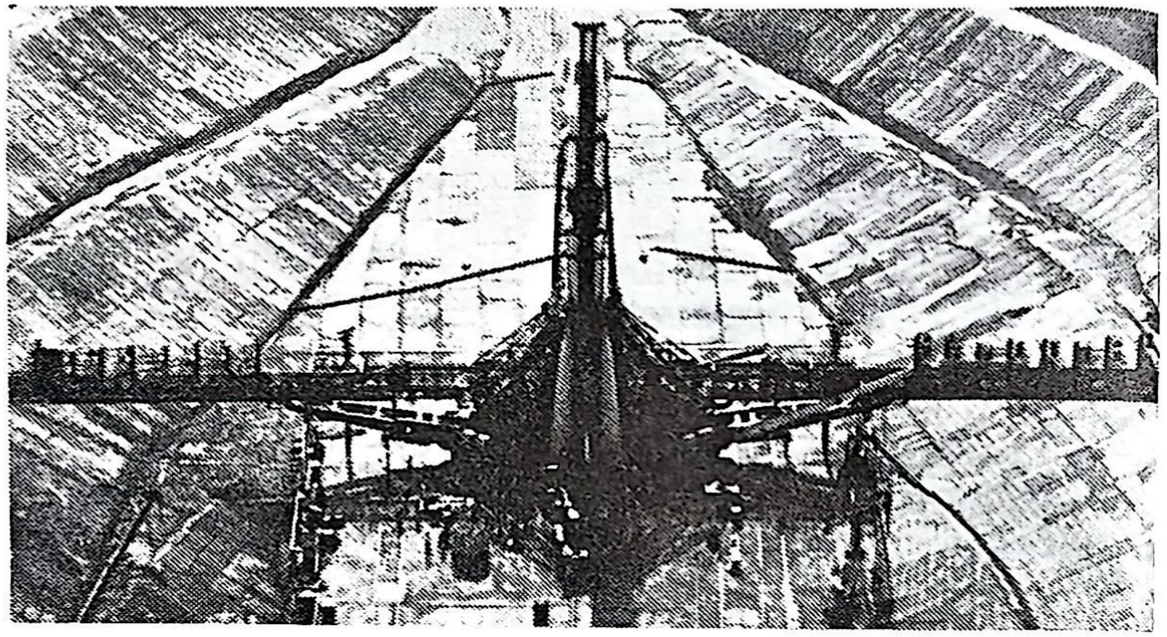
As repúblicas economicamente atrasadas puderam aproveitar, no processo do seu desenvolvimento, além das próprias fontes, os recursos de todo o país — fruto do trabalho conjunto de todos os povos. Assim, em 1924-1925, a parte do próprio rendimento do Tadjiquistão constituiu apenas cerca de 7,7% do seu orçamento, a do Turcomenistão — pouco mais de 10%, a da Ucrânia — menos de 40%. As subvenções concedidas ao Tadjiquistão do orçamento nacional atingiram, em 1928-1930, respectivamente, 73, 78,5 e 87,8 por cento de todos os recursos por ele despendidos.

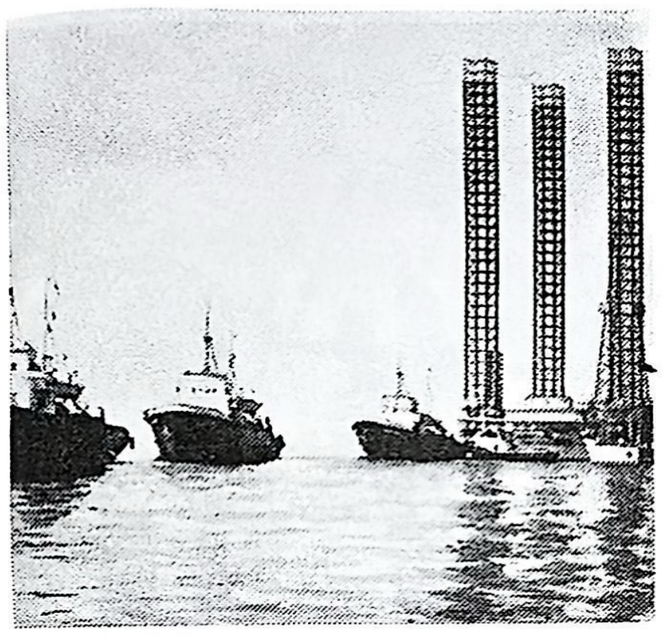
Outro grande êxito do socialismo foi ter permitido que os povos, em três ou quatro decénios, dessem um salto gigantesco do atraso para o progresso, do isolamento e desconfiança mútua para relações de autêntica fraternidade.

A União Soviética é habitada por mais de cem nações, povos e grupos étnicos. A par de nações tão numerosas como os russos (cerca de 140 milhões), ucranianos (mais de 42 milhões), uzbecos (mais de 12 milhões), existem povos e grupos étnicos muito pequenos. Por exemplo, os chortses, fixados na zona pré-montanhosa do Altai, não são mais do que 16 mil.

Actualmente, integram a URSS, em princípios de voluntariedade, 15 repúblicas federadas, 20 repúblicas autónomas, 8 regiões e 10 circunscrições autónomas. Todas as nações, tanto grandes como pequenas, realizaram o seu direito à autodeterminação.

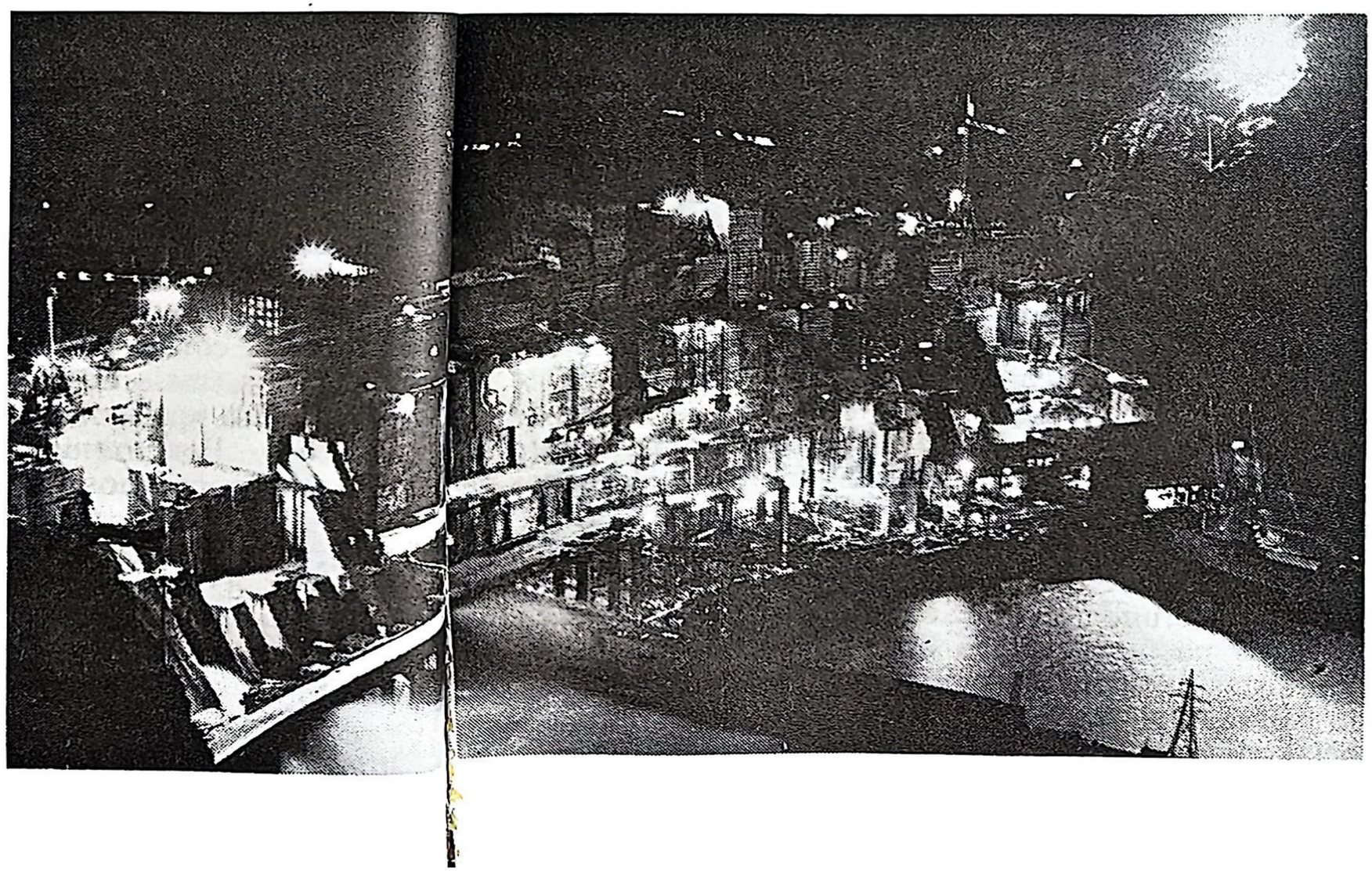
Antes da Revolução, os povos do país constituíam uma Rússia «unida e indivisível». Estavam coarcta-





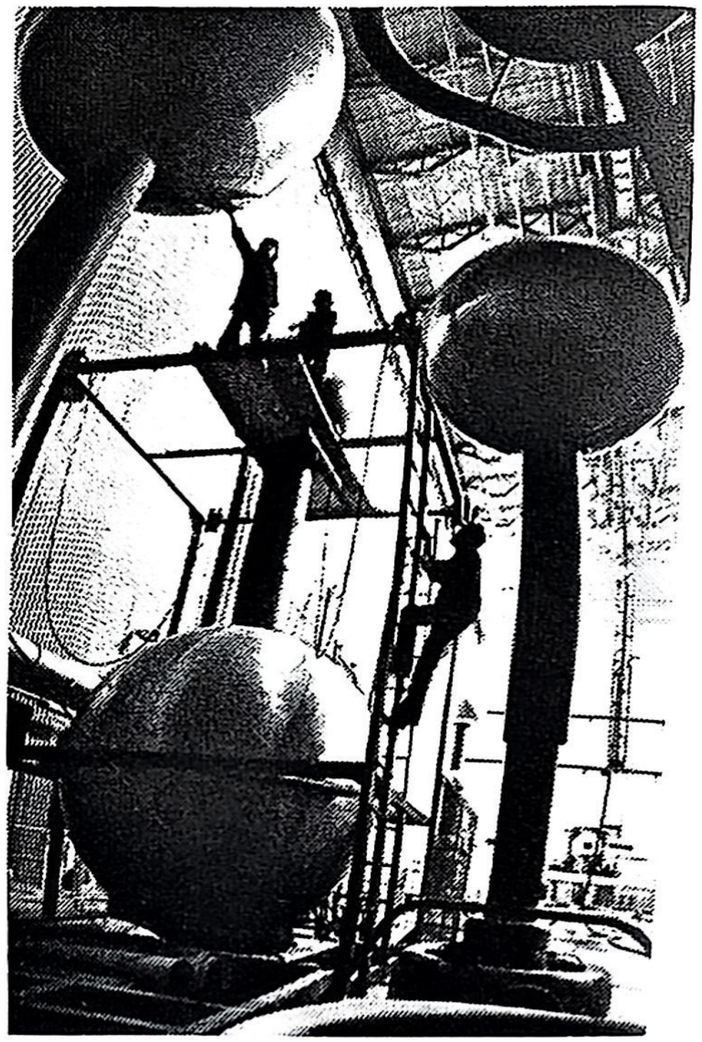
RSS do Azerbaijão. Transporte de uma instalação de sondagem flutuante «Baki».

Cosmódromo de Baikonur. Foguetão-portador com uma nave cósmica de transporte pilotada tipo «Soiuz» momentos antes da partida. Na criação das naves cósmicas tomam parte russos e ucranianos, casaques e turcomenos, georgianos e arménios — representantes de muitos povos do País dos Sovietes, onde vivem mais de 100 nações e etnias.



RSFSR. Central hidroeléctrica Saiano-Chúchenskaia. Panorama da central durante a noite. Na sua construção participam representantes de 100 nacionalidades.

RSFSR. Cidade de Sverdlovsk. Num laboratório de tensões superelevadas. A preparação de descarregadores de electródios esféricos para mais uma prova.



das as mínimas manifestações de independência, eram declarados ilegais muitos idiomas e culturas nacionais. Apenas cerca de vinte povos possuíam escrita própria elaborada de modo mais ou menos satisfatório. A maior parte da população nacional era analfabeta. Segundo o censo de 1979, entre os cidadãos soviéticos de 9 a 49 anos de idade o índice de analfabetismo era apenas de 0,2%. A par do progresso sócio-económico, foi levada também à prática uma profunda revolução cultural, de modo a que todas as nações e etnias do país assimilassem as conquistas da civilização moderna. Tudo isto conduziu ao renascimento dos povos tanto no domínio social como nacional, porque obtiveram pela primeira vez a possibilidade de organizarem a sua vida como bem entendem, de desenvolverem a cultura em formas nacionais.

Contrastes impressionantes

A título de exemplo, tomemos o destino do Daguestão. Gamzat Tsadassa, um poeta popular desta região, disse, no seu tempo, que os daguestaneses sempre foram montanheses, mas que só com o Poder Soviético haviam subido ao cume da montanha. Se compararmos o Daguestão pré-revolucionário com o de hoje, depararemos com um quadro de contrastes impressionantes:

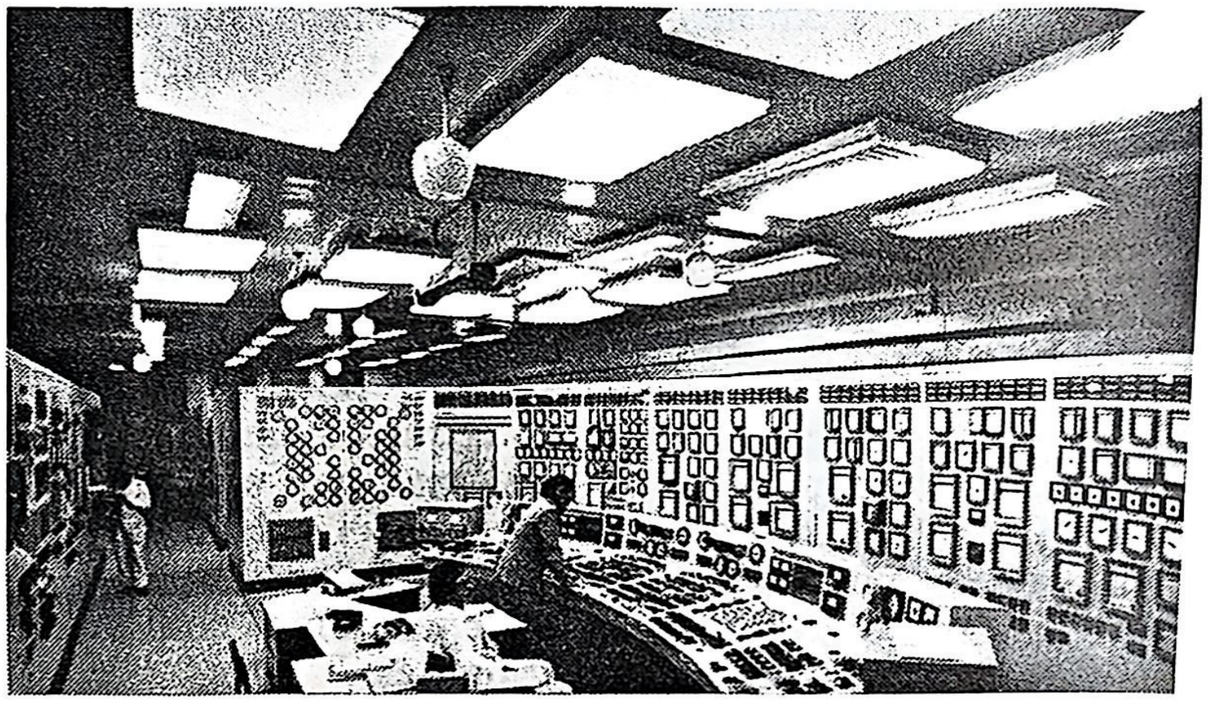
no passado, era uma região semifeudal; actualmente, é uma república autónoma com relações de produção socialistas consolidadas;

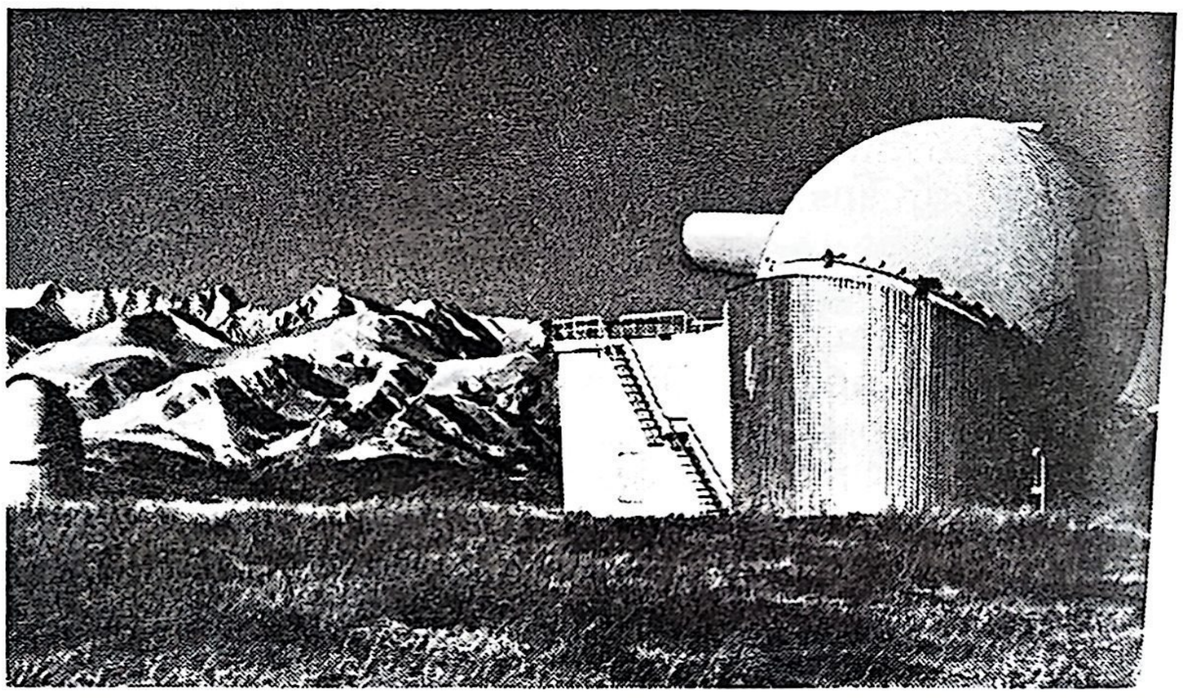
anteriormente, a sua indústria reduzia-se a umas quantas pequenas empresas semiartesanais, com técnica primitiva; hoje, possui uma indústria desenvolvida, modernamente equipada;

outrora, uma região de minúsculas economias camponesas, onde os principais instrumentos de produção eram o arado de madeira e a enxada; hoje, a sua agricultura é desenvolvida e altamente mecanizada;

antes, uma região de obscurantismo e ignorância, de população praticamente analfabeta; agora, uma república totalmente alfabetizada, com uma vasta rede de escolas, escolas técnicas especializadas e estabelecimentos de ensino superior, com instituições científicas e culturais;

antes, uma região onde as epidemias ceifavam milhares de vidas humanas; presentemente, uma república com um desenvolvido sistema de assistência médica, acessível a todos.





RSFSR. Circunscrição autónoma dos Chukches. Na sala de máquinas da central eléctrica atómica de Bilíbino.

RSFSR. RSSA da Buriátia. O observatório solar Saiánskaia do Instituto Siberiano do magnetismo terrestre da ionosfera e propagação das ondas rádio.

Não é menos elucidativo o destino das pequenas etnias do Extremo Norte e Extremo Oriente. Nos fins do século transacto, os catedráticos Jakobi, da Universidade de Kazan, e Poliakov, da Universidade de Petersburgo, enviaram uma carta ao czar Alexandre III, informando-o de que a vida na parte setentrional do rio Ob se ia extinguindo. O clima é rigoroso, os comerciantes e funcionários públicos mandam e desmandam, a população está condenada à extinção. Depois de ler a carta, o czar despachou: «Isso pouco me importa!»

A Revolução salvou estes povos.

Na Sibéria Ocidental, no curso médio do rio Ob, situa-se a circunscrição autónoma dos Khantis--Mansis. Miseráveis «tchuns» (tendas de peles) foram substituídos por casas modernas, e a televisão, rádio, cinema, livros já não são coisas raras nesta região. O desenvolvimento da instrução é uma página inesquecível da história destes povos. Nos primeiros anos do Poder Soviético, linguistas de Moscovo, Leninegrado e de outros centros da cultura, estudaram as línguas dos povos do Norte e criaram para estes uma escrita com base no alfabeto russo. Ao todo, havia mais de quarenta povos sem escrita própria. Se, em 1923, entre os khantis e mansis não havia uma única pessoa alfabetizada, hoje, entre cada mil habitantes desses povos, 600 possuem instrução superior ou média. Leitores soviéticos e estrangeiros conhecem e apreciam as magníficas obras literárias do nanai Grigori Khodjer, do mansi Iuvan Chestalov, do nivkhe Vladímir Sangui, dos chukches Iuri Ritkheu e Antonina Kimitval, do iukaguire Semion Kurilov.

Nas vastidões do Extremo Norte fervilha uma vida nova, constroem-se cidades e povoações, centrais atómicas e portos marítimos, desenvolvem-se as indústrias de extracção de gás e petróleo, química e mineira.

RSS da Ucrânia. Cidade de Donetsk. O jovem mineiro Viktor Kossiakov, terminado o seu primeiro dia de trabalho na galeria, dá uma entrevista e recebe felicitações.

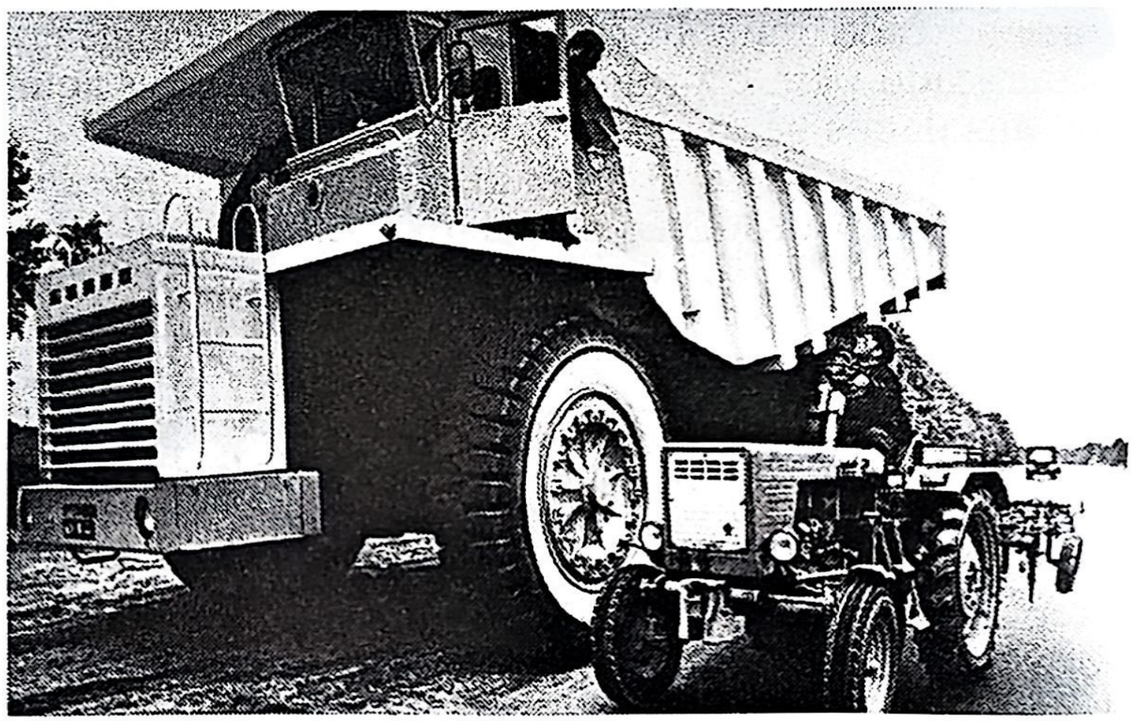
E que foi feito das ocupações tradicionais da população local — criação de renas, pesca, caça? — poderá perguntar o leitor. Continuam a ser praticadas, naturalmente, mas agora com base na colectivização, na utilização de modernos equipamentos e toda a técnica necessária. Quanto aos criadores de renas e aos caçadores, habitam em povoações onde nada falta.

Que foi já feito e que está por fazer

A força e vitalidade da política nacional soviética está na hábil combinação dos interesses nacionais e internacionais dos povos, na criação de condições favoráveis à elevação do potencial material e espiritual de cada república, potencial que é plenamente canalizado para o progresso de todo o país. Eis aqui alguns dados gerais.

Apenas durante o quinquénio de 1976-1980, o volume da produção industrial da Bielo-Rússia aumentou 42%; do Uzbequistão, 27%; da Geórgia, 41%; do Azerbaijão, 47%; da Lituânia, 17%; da Moldávia, 32%; do Tadjiquistão, 29%; da Arménia, 46%; da Estónia, 24%. Este crescimento assegurou o constante desenvolvimento de toda a economia nacional, reforçou e aprofundou o processo de internacionalização dos laços económicos entre as repúblicas.

Contudo, o Partido Comunista não esquece que há ainda problemas por resolver. Por isso orienta os esforços de todas as repúblicas para a resolução de tarefas económicas tanto de todo o país, como de regiões consideradas em separado (Sibéria Ocidental, Extremo Oriente, Zona de Terras Não-Negras da Rússia), de modo a que os recursos laborais das repúblicas e de várias regiões do país sejam aprovei-



RSFSR. RSSA da Mordóvia. Cidade de Saransk. Numa secção da fábrica «Electrovipriamitel».

RSS da Bielo-Rússia. O camião basculante automático «BELAZ--549» de 75 toneladas de capacidade de carga produzido na Fábrica de Automóveis Belorusski.

tados racionalmente no interesse de todo o Estado.

O facto de ter sido edificada a sociedade socialista desenvolvida permite-nos falar também duma nova etapa de evolução das relações nacionais. Como se manifesta?

No domínio **económico** — criação dum complexo económico único, que abrange a economia de todas as repúblicas federadas e se desenvolve com base num único plano estatal.

No domínio **social** — estrutura social homogénea de todas as nações e etnias do país, em cuja composição entram a classe operária, o campesinato kolkhoziano e a intelectualidade popular; formação do modo de vida socialista.

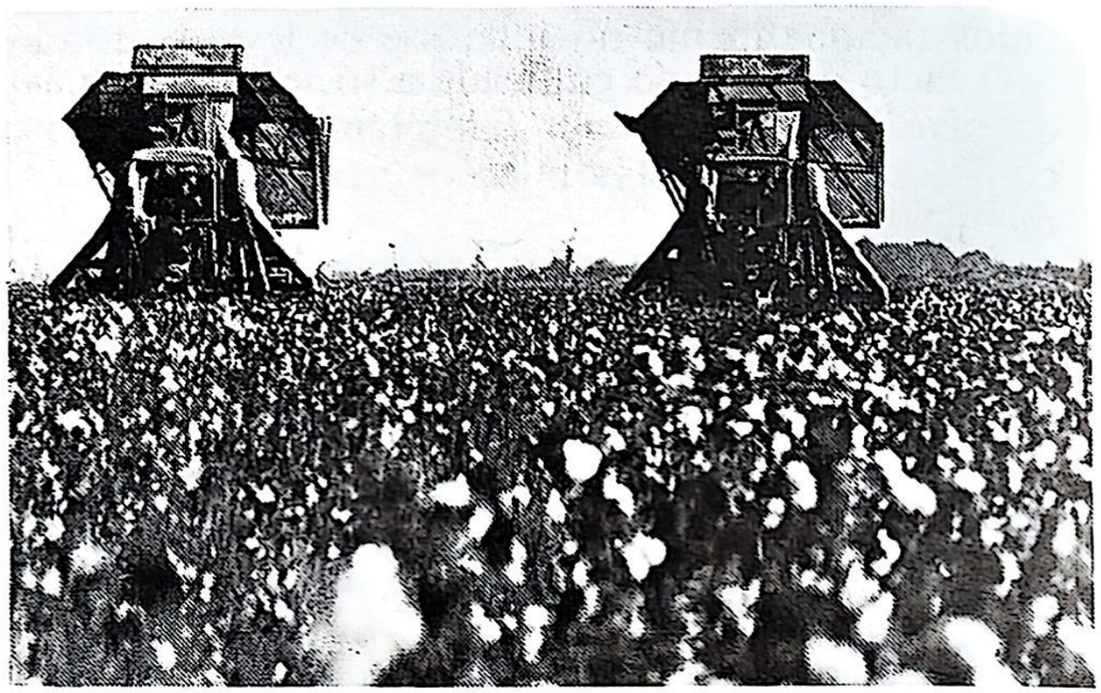
No domínio da **edificação estatal** — unidade harmoniosa de estruturas federal e nacional.

No domínio **cultural** — formação de uma cultura única, socialista pelo seu conteúdo e variada pelas suas formas nacionais.

No domínio **ideológico** — triunfo do internacionalismo socialista, da amizade e fraternidade dos povos.

Tomemos, a título de exemplo, o domínio da economia. A princípio, a tarefa primordial foi liquidar o atraso económico e cultural de muitas nações e etnias das periferias nacionais. Nessa altura, as repúblicas e regiões do país estavam divididas em agrárias e industriais, fornecedoras de matérias-primas e possuidoras de indústria de transformação. Esta desigualdade económica entre os povos foi efectivamente liquidada. Actualmente, assiste-se a um processo de crescente nivelamento dos povos em termos económicos e culturais.

Hoje em dia, não existe uma diferença substancial entre as várias regiões quanto aos níveis da produção industrial per capita. Mas continuam a registar-se diferenças entre as repúblicas numa série de índices económicos (taxas de crescimento de produção in-



RSS do Uzbequistão. Algodoais na estepe de Djizak.

dustrial e agrícola, de produtividade do trabalho, bem-estar material, etc). Por exemplo, na indústria, a produtividade do trabalho verificada em várias repúblicas difere em 30% do nível médio nacional. Um conjunto especial de medidas, como a eliminação do desnível no equipamento técnico industrial, educação e preparação profissional de quadros, assim como uma política consequente e racional de investimentos, correrão para a aproximação gradual dos índices acima referidos das várias repúblicas.

Deste modo, o problema da equiparação total dos níveis de desenvolvimento económico de todas as repúblicas e regiões não deixa de ser actual.

Um outro aspecto. Hoje, todas as repúblicas têm muitas possibilidades de contribuir economicamente para a causa geral. Formou-se e funciona com grande eficácia a divisão nacional do trabalho, assente na especialização e no desenvolvimento económico global de cada república.

RSS do Cazaquistão. Graças ao desbravamento das terras virgens e baldias, foram aproveitados para a agricultura 25,5 milhões de hectares de terra. Na foto: colheita de cereais nos campos do kolkhose «40 anos de Outubro».

RSFSR. RSSA da Bachkíria. A festa popular — «Sabantui», na aldeia de Verkhni Iarkei. O kolkhosiano Fatil Timirchin conquistou o I° prémio — um carneiro vivo, ao vencer as competições de luta nacional.

Assim, na Federação Russa, temos a fundição de aço, a extracção de petróleo e de carvão, produz-se energia eléctrica, constroem-se máquinas de cortar metais, automóveis, equipamento para a indústria química, fabricam-se tecidos de algodão, etc.

A Ucrânia fornece metais ferrosos e aço, máquinas eléctricas, tractores, extrai carvão e minério de ferro.

O Uzbequistão é responsável por 70% da produção

nacional de algodão; 93,9% de cânhamo; 50% de glândulas sericígenas; 35% de astracã. Esta república ocupa o primeiro lugar quanto ao fabrico de máquinas para a indústria algodoeira e o segundo lugar quanto à produção de tecidos de algodão.

Não se esqueça que tal especialização no domínio industrial está ligada à cooperação, abre caminho para o melhoramento da qualidade e para a diminuição do preço de custo da produção; ela corresponde aos interesses de todo o país e de cada república em particular.

Nas condições actuais, em que a igualdade de todos os povos soviéticos é já um facto, a política económica avança para primeiro plano atingir a máxima eficácia de toda a economia, como condição da satisfação dos interesses de todo o povo e de cada nação e etnia em particular. São estas as tarefas definidas pelos últimos planos quinquenais. Parte considerável dos investimentos é canalizada para as regiões orientais do país (Sibéria, Extremo Oriente, Ásia Central e Cazaquistão). Como, nestas regiões, existem simultaneamente riquezas naturais únicas e recursos energéticos baratos, é possível desenvolver, aqui, a ritmos mais rápidos, ramos industriais de maiores potencialidades.

Nos últimos anos, prestou-se grande atenção ao desenvolvimento da agricultura da Zona de Terras Não-Negras da Rússia. Nesta zona central do país, em virtude de certos factores históricos, a agricultura encontra-se em situação precária. A afluência de quadros para esta região foi frágil, os investimentos foram insuficientes.

O desenvolvimento da agricultura não é aqui uma tarefa exclusiva da sua população, nem mesmo de toda a Federação Russa. É agora uma tarefa de todo o povo, em cuja resolução estão empenhadas muitas repúblicas.

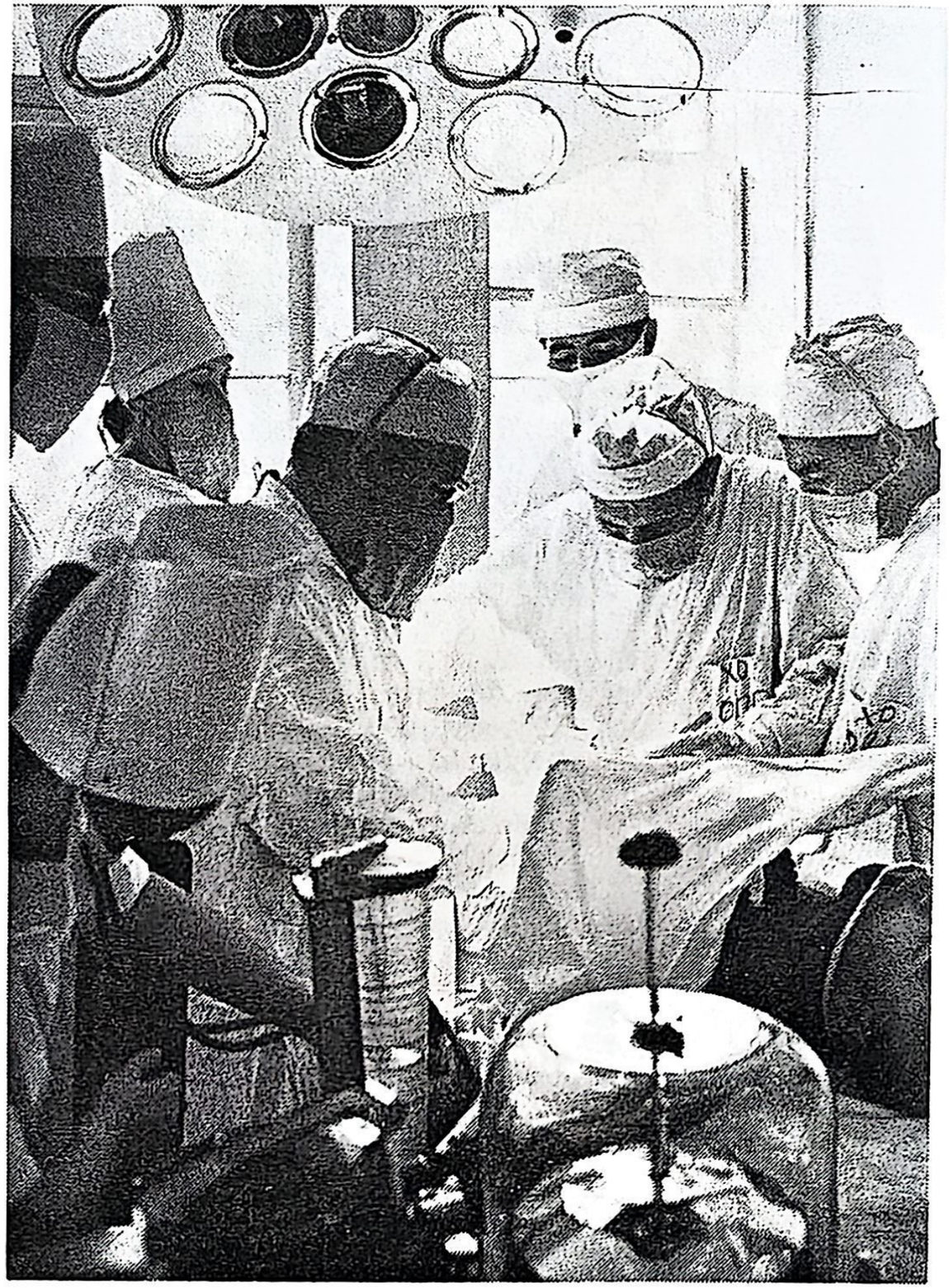
Na União Soviética, de 1940 a 1980, a área de terras irrigadas mais do que duplicou. Na RSS da Turcoménia, as uvas mais doces cultivam-se nas antigas terras desérticas, hoje irrigadas pelas águas do canal de Kara-Kum.

Entre 15 repúblicas federadas a RSS do Tadjiquistão ocupa o primeiro lugar pelo número de nascimentos (37 por 10 000 pessoas, anualmente). Nas montanhas do Pamir, no Hospital Central da região Murgabski, a parteira Aissulo Bokirova e a médica-pediatra Irina Budnitchenko examinam o bébé.

Importância do factor demográfico

A solução das tarefas económicas nacionais enfrentadas hoje pelo país pressupõe a utilização acertada e eficaz tanto dos recursos materiais como da mão-de-obra.

As riquezas naturais e os recursos de mão-de-obra estão distribuídos, no país, de modo irregular: a maior parte dos recursos já explorados de minérios e energia, aquáticos e florestais localiza-se no oriente e no norte, regiões de fraca densidade populacional. Assim, nas regiões orientais, que ocupam a maior parte do território da URSS, concentram-se 87% dos recursos energéticos potenciais do país, nomeada-



Na URSS, há, em média, mais de 37 médicos por 10 mil pessoas. No hospital regional da cidade de Marii (RSS da Turcoménia): opera o professor turcomeno Oraz Babáev, doutor em Medicina.

mente, 89% dos recursos de carvão, 66% de gás natural e 70% dos recursos hidroenergéticos. Por outro lado, a Sibéria e o Extremo Oriente são habitados apenas por uma quarta parte da população do país.

Os órgãos responsáveis pela planificação do desenvolvimento económico e a distribuição territorial das forças produtivas vêem-se obrigados a levar em consideração também a influência desfavorável do «eco» demográfico da última guerra. Nos anos 80, assistir-se-á a uma redução acentuada da afluência da jovem população activa. Estas consequências da guerra manifestam-se notoriamente nas regiões ocidentais e centrais do país. As mesmas regiões são caracterizadas por um refluxo populacional, sobretudo, dos jovens, para o Oriente, bem como pela deslocação de parte da população rural para as cidades.

Segundo estimativas do Censo Nacional de 1979, a população da URSS constituía, em 1979, 109% em comparação com 1970. Nas repúblicas federadas, os mesmos índices diferem notavelmente. A população da RSFSR era, em 1979, de 106% em relação a 1970; a da Ucrânia, 106%; a da Bielo-Rússia, 106%; a do Uzbequistão, 130%; a do Cazaquistão, 113%; a da Geórgia, 107%; a do Azerbaijão, 118%; a da Lituânia, 109%; a da Moldávia, 111%; a da Letónia, 107%; a da Quirguízia, 120%; a do Tadjiquistão, 131%; a da Arménia, 122%; a da Turcoménia, 128%; a da Estónia, 108%.

Estas diferenças são determinadas, principalmente, pelas taxas desiguais do crescimento natural da população das diferentes repúblicas. Também teve certa repercussão a necessidade de desenvolver aceleradamente, numas e outras repúblicas, ramos industriais mais modernos, no interesse de toda a União, processo que provocou a afluência, para estas regiões, de especialistas de outras partes do país. As diferentes

taxas de natalidade dependem, além disso, da correlação da população urbana e rural.

Em termos gerais, de 1940 a 1972, o número de nascimentos, por 1000 pessoas, baixou, na URSS, 42,1%; nomeadamente, na Federação Russa — mais de duas vezes; na Ucrânia e Arménia — quase duas vezes; na Geórgia — mais de 30%; na Lituânia — 25%. Em certas repúblicas (Uzbequistão, Azerbaijão, Quirguízia, Turcoménia), a taxa de natalidade quase não sofreu alteração, tendo crescido um pouco só no Tadjiquistão.

O emprego total de toda a população activa do país foi conseguido através da incorporação enérgica das mulheres na produção social. Como consequência, verificou-se uma certa quebra na taxa de natalidade. Portanto, o aumento da população foi influenciado por todo um conjunto de factores — tanto de índole económica, como cultural e nacional. Várias medidas — como a estabilização do número da popu-

RSS do Uzbequistão. Bordadeiras da Fábrica de bordados a ouro «40 anos de Outubro».

RSS da Turcoménia. O mestre artesão Iussunbai Khaitmuradov, com o seu filho Kadambai.

lação rural (sobretudo, nas regiões ocidentais e centrais do país), controlo do crescimento das grandes cidades, aceleração da construção habitacional, a ampliação da rede de estabelecimentos infantis, a criação gradual de condições que permitam às mulheres combinarem o trabalho e a educação dos filhos — favorecerão o crescimento mais proporcional da população em todas as regiões do país. Não obstante, os resultados benéficos destas medidas só se sentirão plenamente dentro de certo tempo, como se compreende.

Para assegurar mão-de-obra às novas regiões exploradas ou às novas obras industriais em construção de interesse nacional, o Estado põe em prática medidas de estímulo económico, as quais exercem grande influência sobre a migração da população. Representantes de diferentes nacionalidades deslocam-se para novas regiões económicas e grandes obras, dispostos a aí se radicarem para sempre. «No trabalho conjunto... cresceram os nossos laços internacionais, consolidou-se a nossa fraternidade — escreveu V. Ditiuk, Herói do Trabalho Socialista, chefe de uma brigada do sovkhoze «Kolutonski» da região de Tselinogrado. — Lembremos quem foram os desbravadores das terras virgens. Eram emissários de todas as repúblicas federadas. Nestas terras formaram-se e reforçaram-se colectivos laborais internacionais... A mesma coisa acontece em qualquer sector de produção — seja numa secção fabril ou no campo, numa torre petrolífera ou numa «linha» do BAM».

O facto de mais de metade da população do Cazaquistão e da Quirguízia não ser oriunda destas repúblicas explica-se pelas necessidades objectivas do seu vertiginoso desenvolvimento económico, circunstância que, porém, não alterou o seu «status» de repúblicas federadas, nem diminuiu o desvelo do

RSS da Lituânia. Cidade de Vilnius. Na festa de canto e dança da república.

RSS da Geórgia. Danças populares georgianas, na festa «Tbilissoba».

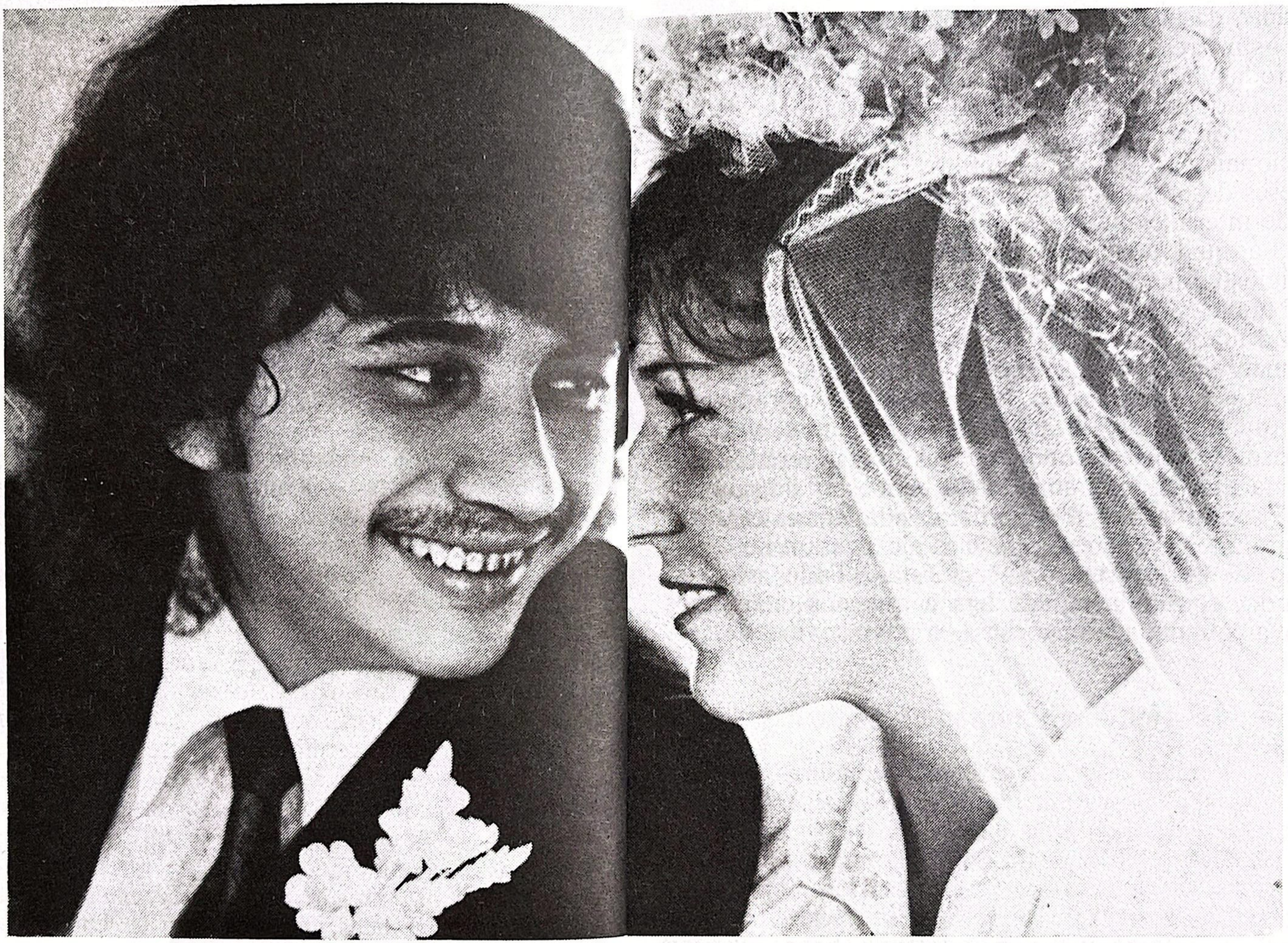
Cada república federada e autónoma tem os seus próprios teatros profissionais (ao todo, na URSS — 611). Na foto: cena do bailado «A beleza do Angará», no teatro estatal de ópera e bailado da Buriátia.

Estado socialista para com a evolução cultural dos casaques e quirguizes.

Tudo indica que as crescentes proporções da assimilação económica de várias regiões dê origem ao aumento da migração de umas repúblicas e regiões para outras. Naturalmente, o processo de deslocação dos trabalhadores para novas obras em construção será tanto mais constante quanto mais solícita se mostrar a administração local em relação à vida dos novos habitantes. O desenvolvimento equilibrado da economia exige que a migração se oriente das regiões bem abastecidas de recursos humanos (Ásia Central, Azerbaijão e outras) para aquelas onde se regista um défice de mão-de-obra (Norte, Extremo Oriente, Sibéria).

Os sovietólogos ocidentais tentam, por um lado, apresentar os processos demográficos verificados nas repúblicas soviéticas como um fenómeno de «russificação» e uma tentativa para manter as repúblicas nacionais na órbita de influência da Federação Russa e pôr fim às tendências de separatismo político e económico supostamente existentes; por outro, com ar paternalista em relação ao Estado soviético multinacional, «previnem» contra o «aumento do perigo muçulmano», tendo em vista a migração duma parte da população das repúblicas centroasiáticas para outras regiões do país. É evidente o carácter contraditório destas «construções teóricas» dos sovietólogos. No entanto, é fácul ler nas entre-linhas que desejam semear a discórdia ideológica e política entre os povos soviéticos, transformar as suas relações fraternais em antagónicas, enfraquecer a União das repúblicas.

Os autores daquelas especulações fecham os olhos à unidade do internacional e do nacional no modo de vida do povo soviético. A crescente coesão do povo soviético decorre do sistema socialista das relações



Mais de 13% das famílias do Tadjiquistão são multinaciona
Entre elas, a jovem família do tadjique Timur Saliev com
ucraniana Svetlana Sobko.

sociais, da política internacionalista, da unidade entre os interesses de todas as classes e grupos sociais, de todas as nações e etnias do país. Para os soviéticos, a origem nacional duma pessoa está longe de ser um factor determinante. No nosso país, as diferenças nacionais não suscitam conflitos. Os sociólogos burgueses desprezam, nos seus prognósticos, a fraternidade internacionalista arraigada nas nações socialistas, a qual ocupou o lugar do antigo isolamento religioso e nacional.

Numa entrevista ao jornal francês «Le Monde», em Junho de 1977, L. I. Bréjnev sublinhou que o aumento da população nestas ou naquelas repúblicas não nos preocupa, mas, pelo contrário, «agrada-nos, já que reflecte, em primeiro lugar, uma elevação enorme do nível económico das nossas repúblicas e ainda um grande aumento do bem-estar da população das antigas regiões periféricas da Rússia czarista, o grandioso progresso que elas alcançaram no caminho de transformações socialistas. Tudo isto, no fundo, consolida aquela liga a que nós chamamos nova comunidade histórica — o povo soviético».

III. NOVA COMUNIDADE HISTÓRICA

Como consequência da edificação duma nova sociedade, no país multinacional dos Sovietes, surgiu uma nova comunidade social e internacional — o **povo soviético**.

Como é o povo soviético do ponto de vista económico-social, político e espiritual? Quais as suas diferenças em relação às formações multinacionais dos Estados capitalistas? O aparecimento desta comunidade internacional significa ou não que se estão a extinguir as unidades nacionais?

Tipos e formas de comunidade humana

Os sovietólogos burgueses que se dedicam às relações nacionais na URSS divulgam a tese propagandística de que o povo soviético seria um mito, especialmente criado para ocultar uma política coerciva de russificação, política que conduz à formação artificial de uma nação unificada tipo «russo-soviética» que substitui grande número de nações existentes. Trata-se de uma tentaviva de ver relações de «domínio — subordinação», bem características do capitalismo, na sociedade soviética.

Todavia, o nascimento de novos tipos de comuni-

dade humana foi um resultado lógico do socialismo. Logo nos primeiros anos do Poder Soviético, durante a guerra civil e a intervenção estrangeira, a luta em defesa das conquistas da revolução socialista consolidou a classe operária e o campesinato e estimulou a congregação de todas as nações da Rússia numa família única.

A História conhece várias comunidades humanas, as quais podem ser subdivididas em grupos. Por exemplo, segundo o princípio da comunidade histórico-natural, determinada pela origem e traços exteriores herdados durante muitos séculos, ou o histórico-social (gens, tribo, etnia e nação). Nas sociedades antagónicas, estas comunidades incluem classes e grupos sociais de interesses muito diferentes ou até opostos (como, por exemplo, o proletariado e a burguesia). Por fim, mencione-se a união de vários povos no quadro dum Estado, de que encontramos muitos exemplos já em épocas recuadas. Mas tanto nas diferentes formas de Estados exploradores do passado, como nos Estados imperialistas contemporâneos que possuem colónias, semicolónias e territórios dependentes, deparamos sempre com povos que foram unidos através da força.

A história de formações de classes antagónicas desconhece laços sólidos, estáveis e voluntários entre os povos, nem nações consolidadas socialmente. As unidades étnicas, nas formações antagónicas, foram e continuam a ser efémeras. Não resistindo a provas mais ou menos duras, logo se desintegram. Todas tiveram o mesmo destino, desde as tiranias do Oriente até à manta de retalhos que era o império Áustro-Húngaro capitalista.

Na Rússia czarista, num só Estado estavam congregados dezenas de povos. Não obstante, era difícil dar-lhes o nome comum de «povo da Rússia» pela simples razão de viverem isoladamente e porque os

pequenos povos estavam submetidos ao jugo social e nacional. V. I. Lénine referiu-se com preocupação a esse isolamento das massas trabalhadoras das diferentes nacionalidades, sério obstáculo à luta contra a autocracia. Actualmente, os permanentes conflitos nacionais na Irlanda do Norte, no Canadá, na Bélgica e na Espanha são duma prova eloquente de que no capitalismo não há espécie alguma da «concórdia nacional».

No capitalismo, a cisão duma nação em classes antagónicas e a desunião entre as nações e povos, bem como entre os grupos sociais e indivíduos que os integram, são condicionadas pela própria natureza deste sistema social.

A União Soviética é um Estado diferente. A História desconhece uma união de todas as classes, grupos sociais, nações e etnias tão sólida e estável como a chamada «povo soviético». **A base política** dessa união é o sistema soviético, o Estado socialista multinacional uno, enquanto a sua **base económica** é constituída por uma economia nacional única, assente na propriedade socialista e no sistema planificado, o que permite utilizar as riquezas naturais mais racionalmente e estabelecer a divisão do trabalho entre as repúblicas de modo mais adequado e no interesse de todos os povos. A ideologia marxista-leninista é a **base ideológica** da unidade inquebrantável das nações socialistas.

A nova Constituição da URSS, aprovada em 1977, consagra consequentemente a política que consolida o princípio federativo do Estado Soviético. Enquanto o Artigo 13.° da Constituição de 1936 declarava a URSS como um Estado federal, com base na união voluntária das repúblicas socialistas soviéticas iguais em direitos, o Artigo 70.° da nova Constituição diz que a URSS é um Estado multinacional, federal e uno, formado em resultado da autodeterminação

livre das nações, com base no princípio do federalismo socialista, na união voluntária das Repúblicas Socialistas Soviéticas iguais em direitos, encarnando **a unidade estatal do povo soviético**. É uma expressão relevante da consolidação dos princípios internacionalistas, que põe em destaque o princípio leninista da autodeterminação das nações, o qual desempenhou um papel de primeiro plano na edificação do Estado multinacional soviético.

O internacionalismo, base da estrutura estatal e nacional da URSS, encontra a sua expressão não apenas na política consequente orientada para o fortalecimento dos princípios federativos. A crescente aproximação das nações e grupos étnicos comunica à estrutura estatal nacional um novo conteúdo internacionalista. O internacionalismo do Estado federal, quaisquer que sejam as suas formas, traduz sempre os interesses de todas as nações, dos trabalhadores de todas as nacionalidades que habitam o país.

O significado político e teórico da categoria «povo soviético»

O conceito de povo soviético como comunidade social e internacional reflecte, antes de mais, determinado resultado dos processos naturais do desenvolvimento socialista. O aparecimento da categoria «povo soviético» encerra um significado político e teórico. Do ponto de vista político, esta categoria contribui para que os soviéticos de diferentes nacionalidades adoptem uma atitude correspondente aos interesses de todo o Estado, tomem profunda consciência de que participam no trabalho e partilham os desígnios de todo o povo, compreendam melhor a lógica do desenvolvimento da cultura soviética única, socialista pelo seu conteúdo e multifacetada pelas formas.

O aparecimento e a evolução do povo soviético como nova comunidade histórica possibilita fundamentar e apresentar teoricamente de modo mais nítido a interligação dos processos de desenvolvimento nacional e internacional que decorrerão por um período prolongado de transformação de outras comunidades nacionais em internacionais a escala mais ampla. O surgimento da categoria «povo soviético» preenche uma lacuna existente na literatura marxista, a qual não abordava a fundo a questão de que modo a Humanidade, a partir do processo de evolução das nações socialistas tomadas em separado, chegará à fusão das nações, ou seja, atingirá a fase em que as diferenças nacionais começarão a desaparecer gradualmente.

O ideólogo do austromarxismo Otto Bauer afirmou que o processo de edificação do socialismo é acompanhado de uma diferenciação cada vez maior entre as nações e que as diferenças nacionais se aprofundarão inevitável e constantemente. É uma concepção indubitavelmente nacionalista.

Mas poderá perguntar-se: se os marxistas soviéticos recusam esta concepção, porque se pronunciam, nesse caso, pelo florescimento das nações socialistas, o que significa o reforço e o desenvolvimento das particularidades nacionais? No entanto, a contradição é aparente. É importante compreender que o conceito de nacional não se reduz à sua especificidade, incluindo também os traços gerais que vão surgindo durante a luta dos povos por ideais comuns. Neste caso concreto, registado no nosso país, é inseparável do conceito de internacional.

Na vida dos soviéticos, na sua conduta, carácter, na atitude para com as suas obrigações face à sociedade, tornam-se cada vez mais notórios os traços que não dependem das particularidades sociais e nacionais. Assim, no seu modo de pensar e no seu compor-

tamento, além de sentimentos nacionais, ressalta cada vez mais o orgulho de pertencerem ao povo soviético, de participarem nos seus feitos. São traços gerais característicos dos representantes do povo soviético como nova comunidade histórica. Naturalmente que a formação e desenvolvimento desta comunidade não quer dizer que a especificidade nacional tenha desaparecido já na etapa actual. O Estado socialista é contra a aceleração destes processos, aliás como é contra a perpetuação das barreiras nacionais. O florescimento das nações e a sua contínua aproximação são as duas principais tendências interligadas na evolução das relações nacionais, **dois aspectos dum mesmo processo dialéctico apontado para a internacionalização constante da vida social**.

Este modo de colocar a questão gera também, inevitavelmente, uma nova interpretação de conceitos como «carácter soviético» e «carácter nacional». Anteriormente, o carácter nacional era concebido apenas como um conjunto de particularidades que diferenciavam uma nação da outra. O carácter nacional encerra, efectivamente, traços que constituem a especificidade destas ou daquelas nações. É evidente, porém, que esses traços são acompanhados de outros, mais gerais, cada vez mais vincados. Atentando tanto no particular, como no geral do espírito nacional, descobriremos todo o real valor espiritual dos soviéticos, que estão na vanguarda dos combatentes pelo progresso de toda a Humanidade.

A categoria «povo soviético» permite delinear as vias do futuro desenvolvimento das nações e etnias. Como é evidente, os marxistas têm em vista a perspectiva final do desenvolvimento da Humanidade — a fusão das nações numa única família humana. A formação e desenvolvimento do povo soviético evidencia que a internacionalização da vida social, em determinada etapa bastante prolongada, não conduz

ao desaparecimento da especificidade nacional. Esta mantém-se, embora as nações e etnias não se desenvolvam isoladamente, sendo partes integrantes dum único organismo, neste caso, o povo soviético. Tudo indica que nas comunidades nacionais idênticas ao povo soviético, que surgirão e evoluirão em diferentes regiões do nosso planeta, assistir-se-á à formação duma homogeneidade social e à consequente e contínua aproximação das nações. Todas essas nações, pensam os marxistas-leninistas, serão nessa altura socialistas.

Não se pode deixar de constatar que assistimos ao início do processo de formação de toda uma comunidade de Estados soberanos — a comunidade socialista — nos quadros da qual vão sendo criadas premissas para o crescente reforço das relações e a eliminação das barreiras entre as nações.

Supõe-se que semelhantes comunidades surgirão também noutras regiões do globo terrestre. Após um longo processo de formação destas comunidades internacionais, com base no triunfo do comunismo à escala mundial, assistir-se-á, como previu V. I. Lénine, à fusão das nações. Porque a política nacional do PCUS assenta numa atitude rigorosamente científica, o Partido não avança como palavra de ordem a fusão das nações como directriz política. As resoluções dos congressos do Partido e o seu Programa referem-se ao florescimento e à aproximação ulterior das nações socialistas. Tal aproximação, no socialismo desenvolvido, leva ao aumento da semelhança entre as nações e à consolidação do modo de vida socialista. Tudo isto se harmoniza com o desenvolvimento das tradições nacionais progressistas e das particularidades nacionais.

«A vida convence-nos — diz-se no relatório do CC do PCUS ao XXVI Congresso do Partido — de que o desenvolvimento económico e social intenso de cada

uma das nossas repúblicas acelera o processo da sua aproximação em todos os domínios. Assiste-se ao florescimento e enriquecimento mútuo das culturas nacionais, à formação da cultura do povo soviético unido — uma nova comunidade social e internacional».

Dialéctica do nacional e do internacional

A formação do povo soviético permite-nos compreender a fundo a dialéctica do nacional e do internacional no socialismo. A vida demonstrou o fracasso das esperanças dos sociólogos burgueses em que a consolidação das nações soviéticas, resultado da edificação socialista, fizesse surgir tendências centrífugas, aumentando, por consequência, o isolamento das nações. Todavia, nada disto se passa: tanto as premissas objectivas (internacionalização da vida social, sobretudo, o desenvolvimento dum complexo económico nacional único), como subjectivas (a consequente política nacional do PCUS) abrem, como sempre, o caminho para o reforço da comunidade dos povos soviéticos.

São absolutamente inadmissíveis as sugestões impensadas de certas pessoas, avançadas na discussão por todo o povo do projecto da nova Constituição da URSS, de que se dissolva a estrutura existente do Estado multinacional soviético e se proclame uma nova nação soviética.

Identificar o povo soviético com uma «nova nação» seria reduzir a nova comunidade histórica ao nível de comunidades correspondentes às formações sociais que historicamente precedem o socialismo.

Por outro lado, significaria desprezar, de modo inadmissível, o facto de que existem na URSS mais de cem nações, etnias e grupos nacionais socialistas, que se desenvolvem com êxito nos quadros da nova comunidade histórica.

«Como se sabe, na URSS formou-se uma nova comunidade histórica — o povo soviético — disse L. I. Bréjnev. — Há quem tenha tirado desse facto conclusões falsas, embora só se trate de umas poucas pessoas. Elas propõem que na Constituição seja introduzido um conceito de «nação soviética una», que sejam liquidadas as repúblicas federadas e autónomas ou limitada, em grande medida, a soberania das repúblicas federadas, privando-as do direito de saírem livremente da URSS e do direito a manterem relações oficiais com o estrangeiro.

«No mesmo sentido se orientam as sugestões de dissolução do Soviete das Nacionalidades, criando o Soviete Supremo de uma só câmara. É evidente o carácter negativo destas propostas. A unidade sócio-política do povo soviético está longe de significar que as diferenças nacionais já desapareceram. Graças à consequente política nacional leninista, ao edificarmos o socialismo resolvemos, simultaneamente, pela primeira vez na História, a questão nacional. É inquebrantável a amizade dos povos soviéticos. No processo da edificação do comunismo, eles vão-se aproximando constantemente, enriquecendo mutuamente a sua vida espiritual. Contudo, enveredaríamos por um caminho perigoso se acelerássemos artificialmente este processo objectivo. Contra isto advertiu persistentemente Lénine, e nós não renunciaremos nunca aos seus preceitos».

Esta verdade não é do agrado dos sovietólogos ocidentais, que fazem o impossível para desmenti-la. Entre eles, há quem, argumentando com o desenvolvimento de traços comuns na vida dos povos soviéticos, chegue a acusar o PCUS da tendência para nivelar coercivamente os povos, dissolvendo-os numa espécie de formação supranacional.

O professor americano M. Rywkin, por exemplo, no seu artigo «A religião, o nacionalismo moderno e o poder político na Ásia Central soviética», publicado na revista «Canadian Slavonic Papers», afirma que «a política nacional soviética divulga a ideia de uma nação soviética una, em formação gradual em todo o território da URSS com núcleo nacional russo...»

Há também quem afirme que a URSS não é de modo nenhum uma família de povos prósperos, mas um império colonial que segue a política do czarismo russo.

Identificar os objectivos e os métodos internacionalistas da política soviética com a política autocrática do império czarista é deturpar grosseiramente a verdade. O objectivo de tudo isso é semear, a todo o custo, a desconfiança em relação à política internacionalista do PCUS, apresentando como antípodas as noções de «internacionalismo» e de «liberdade nacional».

Se a união e cooperação das nações levam ao progresso económico e industrial das repúblicas, então — pensam esses ideólogos — é preciso pôr em dúvida a justeza da modificação radical do modo de vida antigo, por mais atrasado que seja, pois a velha estrutura patriarcal seria mais adequada às tradições nacionais. E como a aproximação e o enriquecimento mútuo das culturas nacionais eleva o nível de desenvolvimento de cada uma delas, há que lançar o alarme de que os «valorés imperecíveis» podem perder-se porque sujeitos a «influências estranhas». Pouco importa que esses «valores imperecíveis» não passem de costumes medievais e bárbaras superstições, realmente pertencentes para sempre ao passado: o que importa é incutir a ideia de que se está a atentar contra o «sanctum sanctorum» do espírito nacional.

É possível que nenhum êxito do socialismo preocupe e alarme tanto os adversários do nosso regime como a consolidação internacional e a crescente fraternidade entre os povos da URSS. Isto explica-se, em primeiro lugar, pela repercussão dos êxitos da União Soviética, no domínio das relações nacionais, entre os povos da Ásia, Africa e América Latina em luta pelo direito à liberdade nacional e ao autêntico progresso. Uma outra causa, também muito importante, do aparecimento dessas calúnias é o facto de a questão nacional se ter agudizado em muitos países ocidentais. A sociedade burguesa, com os seus antagonismos de classes, é incapaz de reconciliar os representantes de diferentes raças, nacionalidades e crenças religiosas e assegurar o livre desenvolvimento das minorias nacionais. Como meio de absolvição da sua sociedade, os ideólogos burgueses atribuem ao sistema soviético as desgraças do seu próprio regime social.

A experiência soviética de edificação estatal, de livre autodeterminação das nações, de cooperação fraternal entre grandes e pequenos povos, divididos, outrora, por profundas diferenças religiosas e culturais, a realização da revolução cultural, que incorporou à civilização moderna os grupos nacionais e étnicos que estiveram condenados à extinção paulatina — tudo isto representa uma conquista do socialismo de alcance histórico-mundial.

«O vosso país — escreveu A. Toynbee, destacado historiador inglês, numa carta ao académico soviético N. I. Konrad, — integra um número tão grande de povos que falam idiomas tão diferentes e herdaram culturas tão pouco parecidas que representa como que um modelo do mundo; ao unificar toda esta variedade de culturas e idiomas num todo único, económico e político, numa base federal, vós, na União Soviética, mostrastes como isto poderia ser

efectuado no mundo inteiro e, espero, que assim seja realmente no futuro».

Hoje, quando na URSS se afirmou a sociedade socialista desenvolvida e muitos ideólogos burgueses começam a aperceber-se de que o desenvolvimento socialista e comunista é irreversível, os acentos da propaganda ocidental alteraram-se. Se antes davam revelo à contraposição do socialismo ao futuro nacional desta ou daquela república, agora procuram inculcar a ideia de que as repúblicas soviéticas devem desenvolver-se isoladamente. Por isso, voltam a fazer circular as estafadas versões sobre a russificação, numa tentativa para desacreditar o carácter internacionalista da política nacional do PCUS, dificultar a cooperação entre as nações e implantar tendências nacionalistas na URSS.

Os politólogos ocidentais querem criar a impressão de que o antagonismo entre as nações é uma lei «natural» e objectiva do desenvolvimento social, independente da vontade dos homens e da actividade dos partidos políticos, inclusive o PCUS. Apresentando a questão nacional como «eterna», «irresolúvel» e própria de qualquer sistema social, tentam, assim, identificar os problemas raciais e nacionais do Ocidente com os da União Soviética. Não é por acaso que o Ocidente põe a correr a tese da inevitabilidade da desintegração dos Estados multinacionais, desintegração que haveria de afectar também a União Soviética. É possível que precisamente com isto estejam ligadas as lamentações, nos últimos tempos mais amargas, daqueles que criticam no Ocidente a política nacional soviética em virtude de nenhuma república federada ter utilizado o seu direito, consagrado na Constituição da URSS, a sair livremente da União. Não obstante, sabem perfeitamente que a solidez da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas explica-se por cada nação ter

consciência de que a sua liberdade e progresso estão garantidos apenas nos quadros dessa união.

O nacional e o internacional no domínio da cultura

O problema da combinação do nacional e do internacional é ainda muito importante porque as diferenças nacionais, como factor objectivo, conservarão o seu grande significado num futuro previsível.

Nenhum outro sistema social contribuiu tanto, como o socialismo, para que em relação aos valores nacionais fosse assumida uma atitude de respeito e cuidado. Ao mesmo tempo, criou uma atmosfera adversa à divulgação de costumes bárbaros e obsoletos, de superstições, outrora consideradas uma expressão do «génio nacional». O êxito da revolução cultural, e elevado nível de educação e cultura das massas populares e o progresso social e científico-técnico alteraram o modo de vida dos povos e condenaram ao esquecimento das tradições incompatíveis com o novo modo de vida e a nova moral. Mas isto não quer dizer de modo algum que, como se afirma no Ocidente, a cultura nacional tenha morrido.

A essência do problema está em que, muitas vezes, o «nacional» é erradamente identificado com uma espécie de rudimentar ou patriarcal. Não obstante, no conceito de «nacional» é preciso incluir não apenas a herança das épocas anteriores, como também o que vai sendo transformado nas novas condições ou gerado e desenvolvido no terreno do socialismo. Velando pela conservação dos monumentos históricos, dos valores da cultura milenários de cada povo, o Estado socialista cria, ao mesmo tempo, condições para o enriquecimento mútuo das culturas, para o

seu renascimento e florescimento num processo de interacção criadora.

O próprio «florescimento» da cultura nacional é compreendido pelos marxistas não como o desenvolvimento das características dessas culturas inicialmente existentes,mas como a evolução de todos os aspectos progressistas da vida cultural, inclusive as tradições nacionais, a superacão das formas obsoletas e o enriquecimento da cultura graças à assimilação criadora dos melhores valores culturais dos outros povos. Na URSS, esta interpretação torna o conceito de nacional inseparável do conceito de «soviético». O que significa que o nacional não se opõe ao internacional, mas que, pelo contrário, é por ele enriquecido.

A cultura multinacional soviética não é uma simples soma aritmética de culturas, mas representa, isso sim, uma síntese criadora de tudo o que há de melhor na herança cultural dos povos.

Os marxistas pronunciam-se contra a estreiteza e o isolamento nacionais, factores que, como o prova a experiência histórica, levam ao empobrecimento da vida espiritual da nação, à estagnação do trabalho criador. Eles partem da ideia de Marx de que «cada nação pode e deve aprender com as outras». O curso para o florescimento e enriquecimento mútuo das culturas nacionais é um novo degrau da cooperação entre povos que atingiram um elevado nível de desenvolvimento económico e espiritual. Não se trata somente de trocas culturais ou da influência cultural unilateral que tiveram lugar no período da formação de muitas culturas nacionais soviéticas, mas de uma profunda influência recíproca e criadora e do enriquecimento mútuo das culturas, que evoluem numa base social comum, assente em princípios teóricos e ideológicos comuns.

Como se sabe, por exemplo, muitos povos da Rússia não conheciam, antes da Revolução, formas

de arte como a ópera, o drama, o bailado, a música orquestral. Durante a edificação do socialismo, os povos libertados criaram, num prazo relativamente curto, obras de nível mundial, dando um passo notável no seu desenvolvimento espiritual. Quanto mais ampla é a experiência nacional dos povos, tanto mais forte se torna a sua capacidade de exercerem, eles próprios, influência cultural. É precisamente isto que se passa na fase do socialismo desenvolvido, vivida hoje pelo nosso país.

Os soviéticos, independentemente da sua origem nacional, citam com o mesmo amor os nomes de Puchkin e Tolstoi, Tchaikovski e Repin, Gorki e Maiakovski, Nizami e Rustaveli, Chevtchenko e Navoi. Claro que juntamente com as culturas de todas as nações se vai enriquecendo também a cultura russa, que absorve as melhores experiências do desenvolvimento espiritual dos outros povos.

Não atesta tudo isto quão grosseiras e inconsistentes são as tentativas dos críticos mal-intencionados ocidentais para contrapor o desenvolvimento das nações socialistas à sua aproximação, procurando provar a incompatibilidade destes processos?

Ao referir-se a este problema, Rassul Gamzatov, famoso poeta do Daguestão, assinala, no livro «Fidelidade ao Talento», que no estrangeiro há quem declare que os escritores caucasianos, inclusive ele próprio, lutam pela conservação da especificidade nacional.

«Mas nós — eu e outros escritores das repúblicas do Cáucaso soviético — sabemos perfeitamente que, no nosso país, não há contra quem nem motivo para lutar pela conservação das particularidades nacionais. É que a Grande Revolução Socialista de Outubro e a doutrina de Lénine afirmam a especificidade nacional da arte, da literatura, de toda a cultura

soviética. Sendo assim, contra quem e contra o quê devemos travar essa luta?».

A sociologia burguesa propõe outro conceito do nacional e do internacional, abordando o primeiro como um fenómeno conservador, imutável por natureza. O internacional, próprio de toda a Humanidade, é apresentado como estranho e hostil em relação ao nacional. Partindo desta tese falsa, esta sociologia avança duas concepções diferentes de relações entre o nacional e o internacional. Os sociólogos burgueses pronunciam-se ou pela renúncia do nacional a favor do humano geral (niilismo nacional, cosmopolitismo), ou pela inviolabilidade das culturas nacionais com a renúncia à influência mútua entre estas (nacionalismo). Em ambos os casos, é evidente o desligamento metafísico entre o nacional e o humano geral.

A análise marxista não aceita este dilema artificial, pois interpreta o nacional como uma forma específica da manifestação do humano geral. Por outro lado, o geral, nas condições de existências das nações, expressa-se sempre sob formas nacionais.

O desenvolvimento da cultura soviética é um processo bilateral: por um lado, é o progresso das suas partes integrantes, ou seja, das culturas nacionais; por outro, é a consolidação da sua unidade através do enriquecimento mútuo e do intercâmbio cultural. Diga-se, a propósito, que este segundo aspecto do processo é alvo de furiosos ataques dos ideólogos do anticomunismo, que dizem ver nesse processo uma tendência para a estandartização das culturas, para o seu nivelamento.

O socialismo assegura, portanto, o desenvolvimento das culturas nacionais, conserva toda a variedade das suas riquezas, ao mesmo tempo que cria condições para que elas participem em pé de igualdade na formação de uma cultura internacional de vanguarda. O socialismo derruba as barreiras entre as nações, possibilita a estas a assimilação dos valores mundiais da cultura através de meios e formas nacionais. Paralelamente, contribui para o desenvolvimento vertiginoso dos meios de comunicação entre as nações. Isto diz respeito também às línguas.

No Ocidente, é corrente ainda a opinião de que a existência de muitas línguas sempre foi e continua a ser uma das causas dos conflitos sociais. O autor deste trabalho ouviu essa versão da boca dum sociólogo burguês participante do VII Congresso Mundial dos Sociólogos, celebrado na cidade de Varna, em 1970. A verdade é que tais conflitos são possíveis nos países onde existem privilégios nacionais e linguísticos, onde os interesses nacionais duns povos chocam com os interesses de outros.

Na URSS, fala-se cerca de 130 línguas diferentes. A sua igualdade em todos os domínios da vida é consagrada por lei. O facto da maioria dos soviéticos (mais de 80%) dominarem o russo, além da língua materna, não quer dizer que a língua russa goze de quaisquer privilégios ou tenha que ser estudada obrigatoriamente. Nada disso. 90-99% da população das repúblicas federadas considera a língua da respectiva nação como materna e utiliza-a no seu dia-a-dia.

Se 61,3 milhões de soviéticos não-russos declararam, no último censo, que falam fluentemente russo e que o utilizam como segunda língua, uma das causas é que o russo é a língua de comunicação entre as várias nações da União Soviética, além de ser um idioma internacional, utilizado oficialmente em muitos foruns mundiais.

No curso do processo histórico, as necessidades de comunicação entre os povos do país, sobretudo, necessidades económicas, estimularam o estudo do idioma russo pela população não-russa. O russo é língua da maioria do povo e, portanto, a mais falada

no país. Não é menos importante o facto de esta língua ter contribuído enormemente para o enriquecimento da cultura mundial com obras de Puchkin e Tolstoi, Turguenev e Dostoievski, Gorki e Tchekhov, Cholokhov e Maiakovski. Por isso, a substituição, por parte dos sovietólogos ocidentais, da questão de saber qual a função da língua russa pela questão dos seus imaginários «privilégios» não passa de especulação propagandística destinada às pessoas menos informadas.

Vejamos outro exemplo de manobras especulativas. Os centros sionistas, fechando os olhos aos factos, afirmam desde há muitos anos que, na URSS, os judeus teriam menos direitos do que os outros cidadãos e que no domínio da cultura seriam perseguidos e discriminados. Tais declarações estão muito longe da verdade.

De acordo com o censo de 1979, havia, na URSS, 1811 mil judeus, ou seja, menos de 1% da população do país (que constituía, na altura, 267 milhões). Entretanto, nos anos 70, o número de estudantes universitários soviéticos de origem judaica era duas vezes superior ao registado em Israel, cuja população era de 3880 mil pessoas. No ano lectivo de 1974-1975, em cada 10 mil representantes da população judaica 350 frequentavam estabelecimentos de ensino superior, ainda que em relação à população do país este índice fosse apenas de 188 em 10 mil. Os judeus constituem 6,1% de todos os trabalhadores científicos; 5,2% — de todos os artistas; 6,5% — os que trabalham no domínio da literatura e da imprensa, 3,4% — no campo da medicina; 6,7% — na jurisprudência.

Na cidade de Birobidjão, capital da Região Autónoma dos Judeus, funciona um Teatro Musical de Câmara Judaico, uma filarmónica, um teatro popular judaico, é editado o jornal «Birobidshaner Stern»; a rádio e a televisão transmitem em idioma judaico (e em russo). Em Moscovo, sai com grande tiragem a revista «Sowetisch Heimland» («A Pátria Soviética»), em judaico.

Numa conferência de sacerdotes e representantes de sociedades religiosas da União Soviética, o rabino principal da sinagoga coral de Moscovo, Levin, indignado com a propaganda sionista, perguntou: «Por que é que os sionistas se levantam com tanto ódio e tanta raiva contra a União Soviética? Por que é que insultam o país que salvou os judeus do mundo inteiro do extermínio total pelos verdugos fascistas? A República dos Sovietes foi o primeiro Estado na História a declarar o anti-semitismo fora da lei. Foi precisamente na União Soviética que os judeus adquiriram uma real igualdade de direitos com outros povos».

Internacionalistas que são, os soviéticos consideram inadmissível fomentar a inimizade entre os povos ou os indivíduos em virtude da sua origem nacional. A Constituição da URSS não reconhece quaisquer privilégios nacionais. A origem nacional não é critério de dignidade humana, nem pode ser utilizada para fomentar o confronto entre cidadãos.

IV. PATRIMÓNIO INIGUALÁVEL DO SOCIALISMO

Se as circunstâncias formam o homem, então é preciso humanizar as circunstâncias. Esta simples verdade, formulada pelo marxismo, estimulou todas as grandes transformações no País soviético, transformações que conduziram ao estabelecimento de um novo modo de vida, socialista, e de um novo tipo de relações entre as pessoas.

A prova mais evidente de que entre os soviéticos de diferentes nacionalidades vigoram relações humanas e fraternais é, porventura, o próprio carácter quotidiano e natural dessas mesmas relações. Entre a maioria dos soviéticos, estas relações estão de tal modo arraigadas que são vistas como a coisa mais natural e unicamente possível. Entre os representantes das diferentes nacionalidades reina o mesmo espírito de camaradagem e ajuda mútua, de humanismo e respeito, características de toda a sociedade socialista. Como é natural, num colectivo de trabalho tudo pode acontecer: por vezes, surgem discussões e desacordos, uns são louvados, outros repreendidos. Mas tais discussões, mesmo que verificadas num colectivo multinacional, são desprovidas de quaisquer motivos nacionais: o conceito do cidadão soviético assenta nos seus méritos no trabalho e nas suas qualidades pessoais.

A construção, na URSS, da sociedade socialista desenvolvida permitiu concretizar o ideal almejado dos comunistas: transformar a amizade dos povos no credo e norma de conduta dos trabalhadores de todas as nações e etnias. L. I. Bréjnev, apontando esse facto como uma transformação verdadeiramente revolucionária na consciência social, frisou: «Aos soviéticos é estranha e repugnante a ideia jactanciosa da supremacia duns povos sobre os outros; e ainda mais — as ideias absurdas da exclusividade racial ou nacional. Os soviéticos são internacionalistas. Neste sentido são educados pelo Partido e por toda a nossa realidade».

A unidade e a coesão da sociedade soviética constituem património inigualável do socialismo, fonte da sua inapreciável e inquebrantável força. A prova foi já feita perante todo o mundo.

Amizade selada com sangue

É bem possível que a grande unidade internacionalista dos povos soviéticos nunca se tenha revelado com tanta força como durante a guerra contra a Alemanha hitleriana. Em 1941-1945, entraram em conflito não só as forças armadas de dois países com regimes sociais opostos. Pelas suas proporções e tenacidade, foi uma luta sem precedentes travada pelas forças da civilização e do progresso contra as forças da barbárie e do obscurantismo. A bandeira da reacção fascista sustentava a «teoria» da supremacia da «raça ariana», a qual gerou nas mentes dos invasores fascistas um conjunto de concepções sobre a «grande missão» dos fundadores do «Reich milenário» e a «invencibilidade» do exército alemão. Embriagadas por estas ideias, as hostes alemãs invadiram a URSS.

Como se sabe, a estratégia hitleriana partia da ideia de «blitzkrieg». O Estado-Maior General alemão não acreditava que o Exército Vermelho estivesse suficientemente preparado para resistir ou possuísse uma sólida retaguarda. Para materializar a «missão alemã», porém, os hitlerianos não consideravam bastante apenas alcançar uma vitória militar. Com um pedantismo maníaco, elaboraram um programa a longo prazo de extermínio físico dos povos eslavos e outros, para que assim, no futuro, não surgisse qualquer ameaça ao Reich.

Um dos planos desse género, da autoria do doutor Abel, perito hitleriano em problemas raciais, encerrava, por exemplo, os seguintes postulados «teóricos»: «Trata-se não apenas de derrubar o Estado, cujo centro é Moscovo. Conseguir este objectivo histórico não significaria, de modo nenhum, resolver o problema definitivamente. A tarefa principal é aniquilar os russos como um povo único, desunindo-os. Só eliminaremos o perigo decorrente da existência do povo russo se este problema for encarado do ponto de vista biológico, ou melhor, biológico-racista, e se a política alemã nas regiões orientais for orientada neste sentido».

Na Ucrânia, declarou cinicamente H.Göring, seria preferível, já em 1941, matar todos os homens com mais de 15 anos de idade, enviando para esta região garanhões «SS». Não era menos terrível o destino que os hitlerianos reservavam para outros povos: exterminar impiedosamente parte dos seus representantes de ambos os sexos, enquanto os restantes seriam escravizados.

«...Preciso de espaço livre — disse Hitler, — e não posso conceder aos povos do Oriente quaisquer direitos à soberania e à independência, criando, em vez da Rússia Soviética, uma Rússia nacional. Na política,

temos que nos basear na dura realidade, e não em ilusões».

Que esperavam os estrategas hitlerianos? Inculcar nos povos, contra os quais lançaram exércitos armados até aos dentes, a ideia de que eram «inferiores» e impotentes perante a «raça dos senhores». Ignorando que o socialismo havia cimentado a amizade entre os povos, os cabecilhas fascistas apontaram nas discórdias nacionais, o que facilitaria a materialização dos seus planos. Não lhes passava pela cabeça que iam enfrentar um país multinacional unido. Essa unidade fora forjada pelo regime socialista, e a agressão só aprofundaria ainda mais o patriotismo soviético fomentando nos corações um ódio inextinguível para com os ocupantes.

Na guerra contra os invasores nazis, lutou-se pela existência do primeiro país socialista do mundo, baluarte da luta de todos os trabalhadores pelo socialismo e o progresso. Nesta guerra, de cujo desfecho dependia o destino e o futuro da civilização europeia e mundial, do progresso e da democracia, os soviéticos combatiam também pela liberdade e honra de todos os povos do país. Deste modo, a missão de classe, assim como a libertadora, humanista e internacionalista, fundiram-se no empenho do povo soviético na batalha contra o inimigo.

Durante toda a guerra, em toda a frente soviético-alemã, em todos os combates, revelou-se a coesão e amizade dos povos soviéticos. A partir do Outono de 1941, nas repúblicas federadas e autónomas começaram a formar-se unidades para ripostar ao nazismo, que contribuíram imenso para a derrota do inimigo. Por exemplo, na batalha de Moscovo, no período defensivo e da contra-ofensiva, combatiam, lado a lado com outras unidades do Exército Vermelho, quatro divisões de infantaria do Cazaquistão, uma divisão e uma brigada de infantaria da Quirguízia,

uma divisão de infantaria da Letónia e outras unidades. Quase todas as formações das repúblicas nacionais participaram na libertação das repúblicas e regiões do país temporariamente ocupadas pelo inimigo. Na Bielo-Rússia, na Ucrânia, em várias regiões da Federação Russa, na Moldávia, Letónia, Lituânia e Estónia desencadeou-se um amplo movimento guerrilheiro.

Entre os militares que, devido ao seu comportamento nessa guerra, fizeram jus ao título do Herói da União Soviética contavam-se 8160 russos, 2069 ucranianos, 309 bielo-russos, 161 tártaros, 117 judeus, 96 casaques, 90 arménios, 90 georgianos, 69 uzbecos, 61 morduínos, 44 chuvaques, 43 aserbaijanos, 39 basquires, 32 ossetas, 18 maris, 18 turcomenos, 15 lituanos, 14 tadjiques, 14 letões, 12 quirguizes, 10 komis, 10 udmurtos, 9 estonianos, 9 carelos, 8 calmuques, 7 cabardinos, 6 adigués, 5 abkhásios, 3 iakutes e representantes de outras nacionalidades.

Todos os povos do país, consolidados em torno do povo russo, contribuíram para a vitória sobre o fascismo. É universalmente reconhecido que o povo russo, embora suportando o maior peso da guerra, deu provas de heroísmo, abnegação, espírito de sacrifício e internacionalismo sem precedentes.

Sentir o pulsar de todas as nações

A experiência histórica do País dos Sovietes multinacional põe em realce a grande importância que tinha e continua a ter a política nacional leninista assente numa rigorosa análise científica. Em todas as etapas de desenvolvimento do nosso Estado, essa política orientou-se para a consolidação da sociedade socialista, para a conjugação dos esforços de todos os povos na edificação do socialismo e do comunismo. Para levar a cabo uma política justa na esfera de relações nacionais, foi preciso perceber constantemente o pulsar da vida não apenas do país, mas também de cada uma das repúblicas que o formam.

Nas imensas vastidões da União Soviética assiste-se, actualmente, a um trabalho grandioso com vista ao cumprimento das tarefas colocadas no XI plano quinquenal. Como bem se compreende, num trabalho de tamanha envergadura, sobretudo nas regiões orientais do país, cabe um papel muito importante à troca de especialistas entre as repúblicas, à ampla participação de soviéticos — principalmente, jovens — de diferentes nações e etnias nas novas obras do quinquénio.

Neste contexto, perante a administração local dos territórios desbravados surgem tarefas de grande responsabilidade. Trata-se não apenas de criar todas as condições indispensáveis à vida e ao trabalho dos recém-chegados; é preciso, também, apoiá-los na adaptação, no prazo mais curto, às novas condições, para que se sintam em casa. As pessoas que se deslocaram para a região de Tiumen, rica em petróleo, para a construção do BAM ou da central hidroeléctrica de Nurek deparam não apenas com condições climáticas insólitas, mas com novos costumes e novas tradições, tornam-se, então, membros de colectivos multinacionais. A sadia atmosfera internacionalista que habitualmente se respira nestes colectivos ajuda os desbravadores no seu trabalho conjunto. Naturalmente que, para que seja assim, necessário se torna que os organismos estatais e sociais funcionem a contento. O factor nacional há já muito que deixou de ser uma barreira que separa os soviéticos. Contudo, subsiste ainda, em certa parte da população, uma certa susceptibilidade relativamente à questão nacional.

Se o processo da produção material, de essência

internacionalista, é habitualmente «indiferente» para com as diferenças nacionais, já o mesmo não se passa em várias esferas da cultura, na vida quotidiana, nas relações dentro da família, onde têm ainda muito peso as tradições, costumes e gostos que se transferem de geração para geração.

Os marxistas não procuram acelerar artificialmente a extinção das diferenças nacionais; por outro lado, também não pretendem secularizá-las. Na sociedade socialista desenvolvida, em função da intensa troca de quadros entre as repúblicas, aumenta a migração, o que dá origem a uma «mescla» da composição nacional. Uma das manifestações desse crescimento da heterogeneidade nacional nas repúblicas federadas, é o aumento do peso específico, entre a sua população, de representantes de nações não locais e do papel da língua russa como meio de aproximação das nações. A Constituição Soviética garante aos representantes de todas as nacionalidades, independentemente da república que habitem, direitos iguais e possibilidades de participarem o mais amplamente possível em todos os domínios da vida social.

O aprofundamento constante da cooperação fraternal entre os povos da URSS e o contínuo crescimento da sua unidade internacionalista, orientação principal de desenvolvimento das relações nacionais no socialismo maduro, assenta numa base sólida: o complexo económico uno, a igualdade efectiva dos povos em todas as esferas da sociedade soviética, o processo objectivo da internacionalização de toda a vida do país.

ÍNDICE

Da Editorial 5

I. O COMPLICADÍSSIMO PROBLEMA DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL 7

Origens da discórdia e inimizade nacionais 8
A questão nacional e os marxistas russos 10
Experiência de alcance mundial 13
Não a uma «alquimia política», sim a uma atitude cientificamente fundamentada 15

II. A UNIÃO DAS REPÚBLICAS: COMO SE FORMOU E SE CONSOLIDOU 20

Da RSFSR à URSS 20
Harmonia entre o nacional e o internacional 23
Contrastes impressionantes 29
Que foi já feito e que está por fazer 33
Importância do factor demográfico 41

III. NOVA COMUNIDADE HISTÓRICA 53

Tipos e formas de comunidade humana 53
O significado político e teórico da categoria «povo soviético» 56
Dialéctica do nacional e do internacional 60
O nacional e o internacional no domínio da cultura 65

IV. PATRIMÓNIO INIGUALÁVEL DO SOCIALISMO 72

Amizade selada com sangue 73
Sentir o pulsar de todas as nações 76

Эдуард Александрович Баграмов

СТО НАЦИОНАЛЬНОСТЕЙ — ОДИН НАРОД

На португальском языке

Цена 25 коп.

A VERDADE SOBRE A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NA URSS

A colecção «A verdade sobre a Revolução de Outubro e a construção do socialismo na URSS» é integrada por 15 brochuras de divulgação científica, da autoria de historiadores soviéticos, sob a redacção do académico I. I. Mintz.

A colecção abrange um largo período — das vésperas da Revolução de Outubro aos nossos dias.

Objectivo — dar ao leitor estrangeiro uma ideia, a mais aproximada possível, sobre os motivos que estiveram na origem da revolução socialista na Rússia, descrever-lhe o desenrolar da revolução e seus grandes objectivos, mostrar-lhe toda a importância da revolução para o desenvolvimento dos povos da URSS e de toda a História mundial.

Cada brochura é ilustrada por uma série de fotografias documentais.

Edições da Agência de Imprensa Nóvosti

Edições Progresso

Eduard Bagramov (1930) — catedrático, doutor em Filosofia, especialista em questões nacionais, relações nacionais e internacionalismo. Autor de mais de 120 trabalhos científicos, de que se destacam «Questão nacional e ideologia burguesa» (1966) e «Política nacional leninista: resultados e perspectivas» (1977).